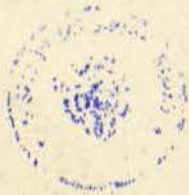
REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

Panorama

NÚMERO 20 ★ ANO 3.º ★ 1944

Robuster!

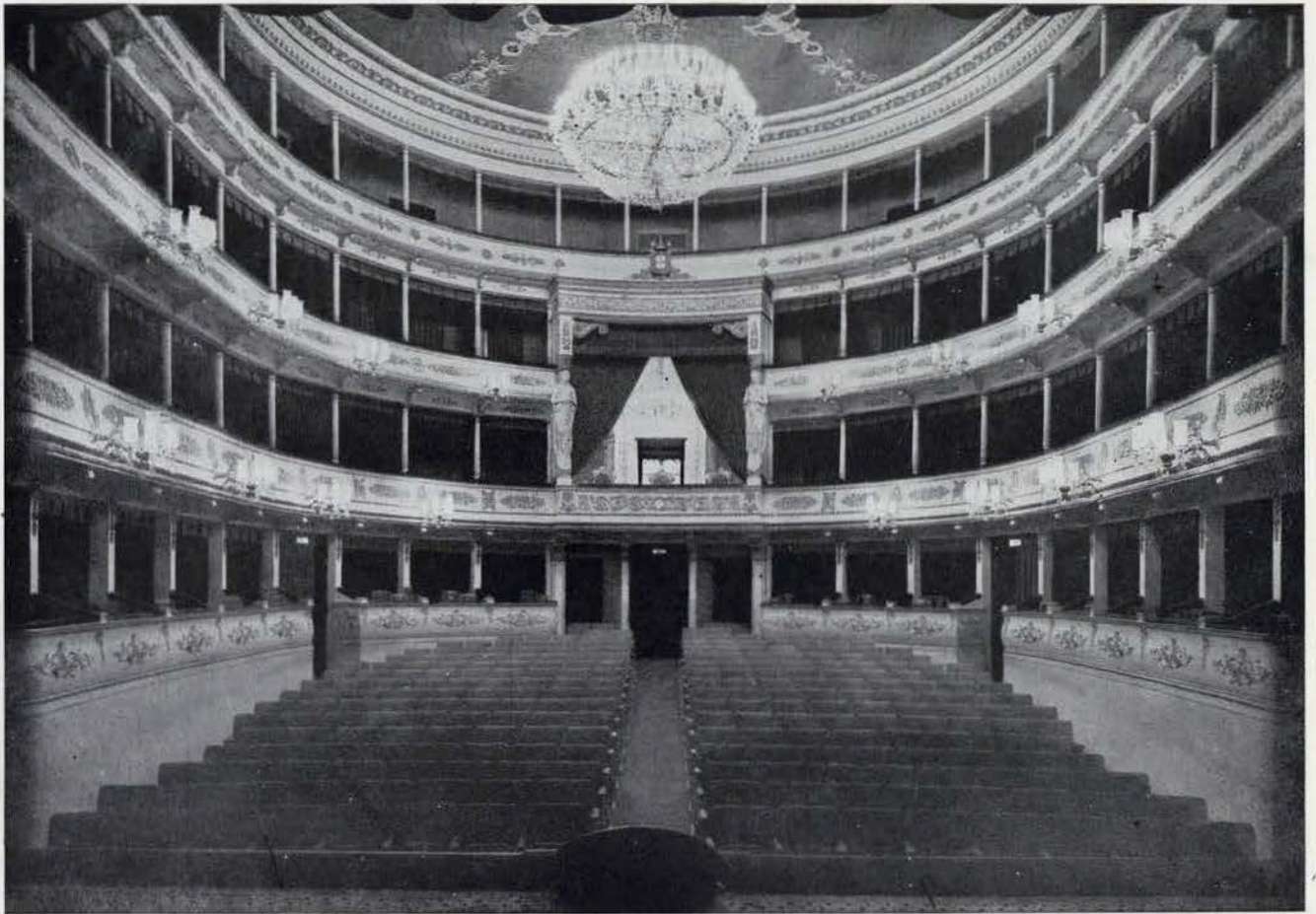
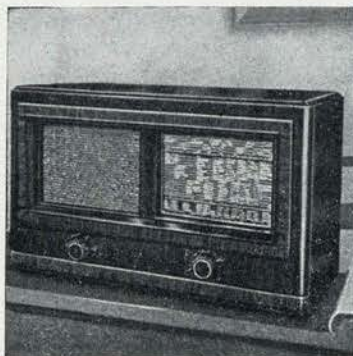
Fácil de preparar, de sabor agradável, é um excelente reconstituínte altamente nutritivo e de notável digestibilidade. O alimento ideal para colegiais, desportistas, jovens mãis, enfraquecidos, débeis, convalescentes e pessoas idosas.

NESCAO é um produto **NESTLÉ**

A marca que inspira confiança

NESCAO

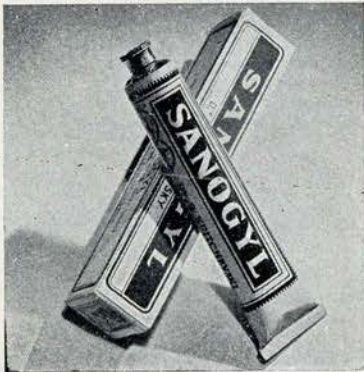
ROLEX OYSTER

O relógio de pulso de corda automática

Aqui se aconselha...

EIS um receptor que é uma fonte de alegria e distração. É o ORION 244, tão apreciado pelas pessoas de bom gôsto e bom ouvido. Recebe fàcilmente, nas ondas de 13 a 1.950 m., a música e as notícias de todo o mundo. O novo regulador automático de volume compensa perfeitamente as variações de intensidade da onda. O regulador de tonalidade permite escolher o som mais agradável. Representantes: RADIÓFILA, R. Nova do Almada, 80, 2.º, Lisboa.

DESEJA decorar a sua casa, dar-lhe um ambiente moderno? Procura reclamar e apresentar com bom gôsto os produtos do seu comércio ou indústria? Aconselhe-se no ESTÚDIO DE ARTE «STOP», na Rua Nova da Trindade, 6-A, telef. 28498, Lisboa, que lhe indicará quadros modernos, objectos de arte em cobre, ferro forjado, madeira, etc., que lhe dará desenhos de rótulos, embalagens, montras, cartazes, e cuidará de litografias e da publicidade.

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247 em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

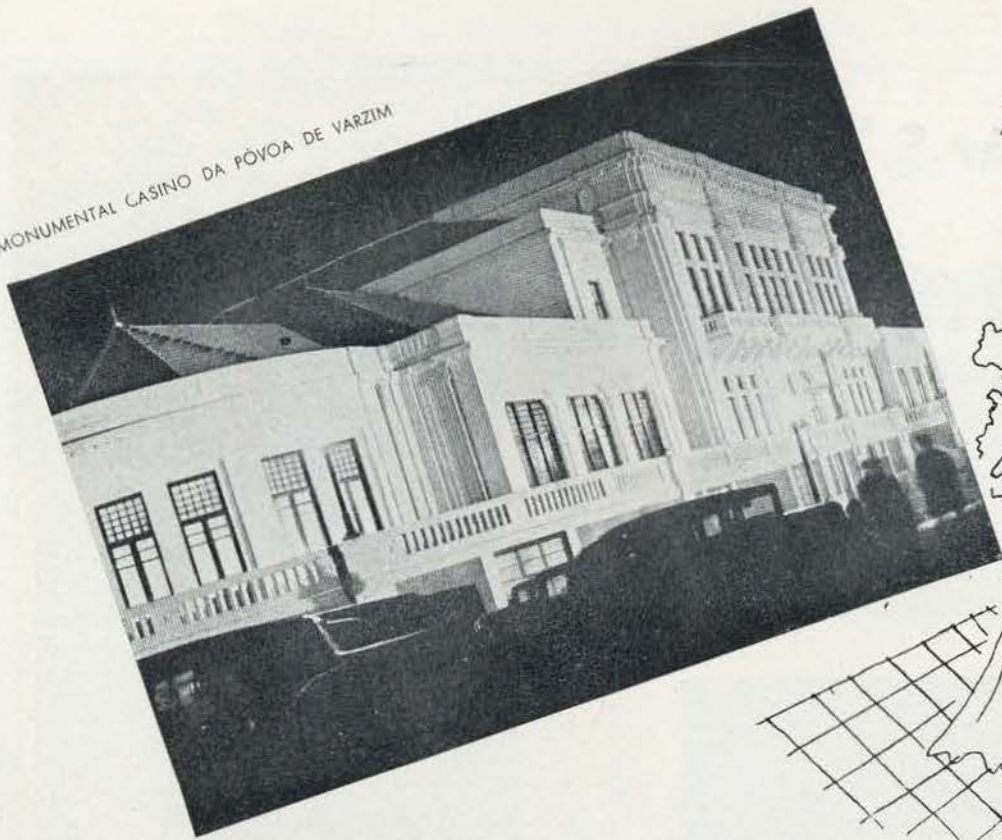
MAIS LUZ E MENOS CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

que leia, veja e compre

Cuide da sua bôca! Mas considere que só um dentífrico cientificamente preparado — como o SANOGYL — exerce uma eficaz acção desinfectante, sem prejudicar o esmalte dos dentes. Usar SANOGYL é uma necessidade. Adquira imediatamente um tubo e verifique os resultados! Estamos certos de que obterá os melhores, e passará a usar sempre a pasta SANOGYL.

Entre as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza, destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

Esta fotografia é de uma bonita jarra decorativa, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

Se vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

MONUMENTAL CASINO DA PÓVOA DE VARZIM

NÃO se compreende a designação de "centro de turismo" atribuída a uma estância da beira-mar, sem a existência de um grande Casino moderno, luxuoso, confortável e animado por freqüentes festas e diversões. Estes requisitos — que todos os turistas do nosso tempo exigem — encontram-se no MONUMENTAL CASINO da PÓVOA DE VARZIM, que é, sem dúvida, um dos melhores do país.

PANORÂMICA DA PRAIA DA POVOA DE VARZIM

Filial na Guarda. (Arquitectura do prof. Cristino da Silva).

Agência na Póvoa de Varzim. Sala de expediente.

As duas estrêlas que o público mais aprecia.

No Teatro: Beatriz Costa

★

Em trabalhos fotográficos:

J. C. ALVAREZ L^DA

TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

205, RUA AUGUSTA, 207 · LISBOA

Aqui se aconselha...

E. E. DE SOUSA & SILVA, LDA., na Rua do Ouro, 157-159, em Lisboa, é sem dúvida uma das melhores oficinas de GRAVADOR. É conhecida a perfeição da enorme variedade de objectos que lá se fabricam ou se vendem. São êles: chapas esmaltadas, carimbos em todos os géneros, sêlos em branco, etiquetas, alicates para selar a chumbo, sinetes, anéis com gravuras, brazões, monogramas, datadores, numeradores e artigos para escritório e de novidades.

QUEM pretenda fazer CAMPISMO deve apetrechar-se convenientemente, pelo menos com o indispensável. A casa VIEIRA CAMPOS, na rua da Prata, 215 e 217 (antiga Casa Figueiredo), em Lisboa, tem à venda quanto há de mais moderno para a prática dêste desporto, como sejam: tendas de todos os modelos para campismo fixo ou volante, sacos de campismo com armação, sacos de dormir, hamacs, baldes de lona, etc.

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Mesmo que não esteja... Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gôsto», para oferecer a alguém de sua amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a enorme variedade de excelentes TRABALHOS EM FERRO FORJADO — como sejam: candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na CASA ESTEVES, na Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

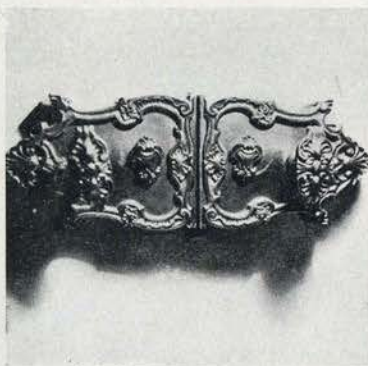
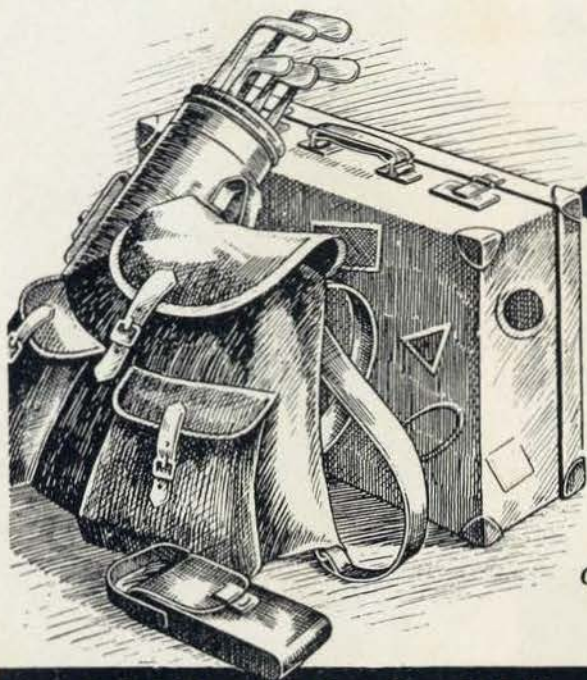
NÃO lhe parece interessante fixar em imagens os momentos agradáveis que lhe proporcionará a sua próxima época de férias? Na INSTANTA — a moderna casa de artigos fotográficos, na rua Nova do Almada, 55-57, Lisboa — encontrará aparelhos para fotografia e cinema, das melhores marcas e para diversos preços. Nos seus laboratórios executam-se, com a possível brevidade e perfeição, todos os trabalhos de fotografia.

que leia, veja e compre

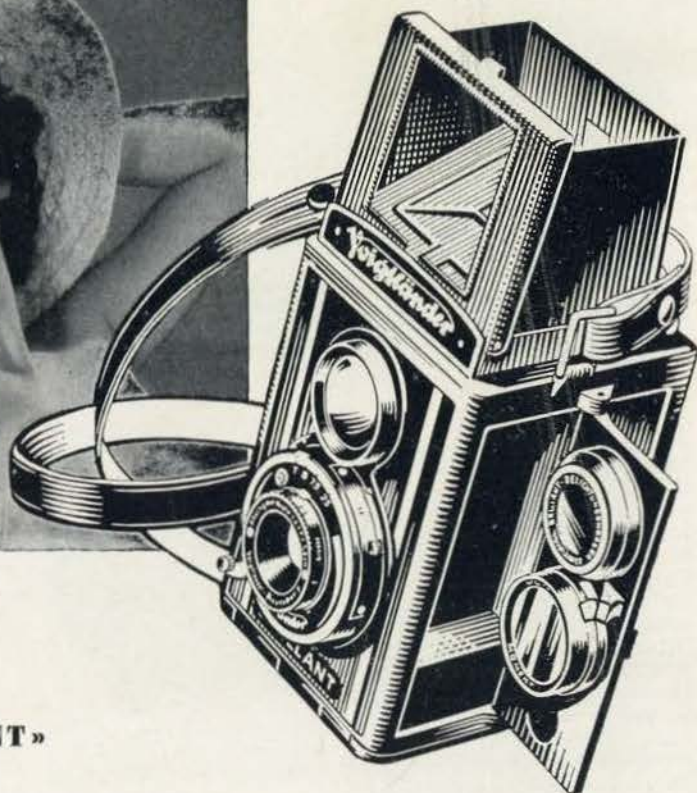
HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

O candeeiro eléctrico, pela sua necessidade de uso, toma obrigatòriamente parte no conjunto duma casa. Assim, ao comprá-lo, escôlha um que constitua um motivo valioso de decoração. Antes de se decidir por qualquer, visite a FÁBRICA DE CANDEEIROS ELÉCTRICOS, COSTA & MORAIS, LDA., na Rua Serpa Pinto, 1, Lisboa, onde encontrará lindos candeeiros de cristal, ferro forjado, cromados, dourados e *abat-jours* de modelos modernos para todos os géneros.

TABOT apresenta nesta foto um modêlo de penteado para um certo tipo de rosto. Só um cabeleireiro que reüna à sua competência a sensibilidade de artista, sabe realçar a beleza da mulher com o seu penteado próprio, criando um conjunto de linhas e de côres de contraste harmonioso. E *Tabot* sabe procurar o pentado adequado à expressão de beleza de cada mulher. TABOT, cabeleireiro *visagiste,* Rua do Ouro, 170, Lisboa. Telefone 2 2072.

TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

ISOCHROM ★ ISOPAN ★ ISOCHROM ★ ISOPAN

CADA FOTOGRAFIA MAIS BONITA QUE A ANTERIOR!

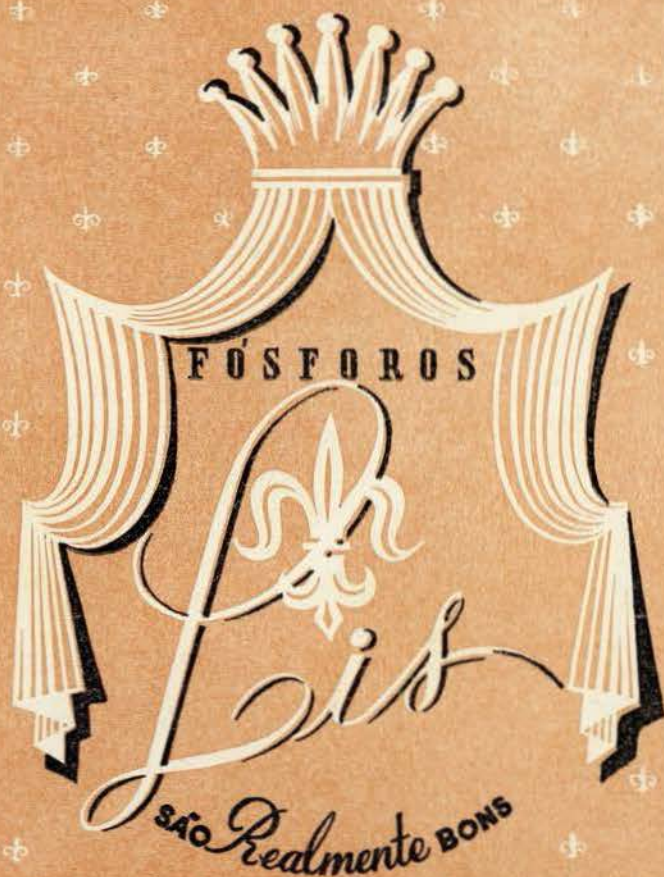
Esta máquina, bonita e de tão simples manejo, pode adquiri-la em qualquer boa casa de artigos fotográficos. Além de outras vantagens o que nela mais seduz é a nitidez do seu extraordinário visor.

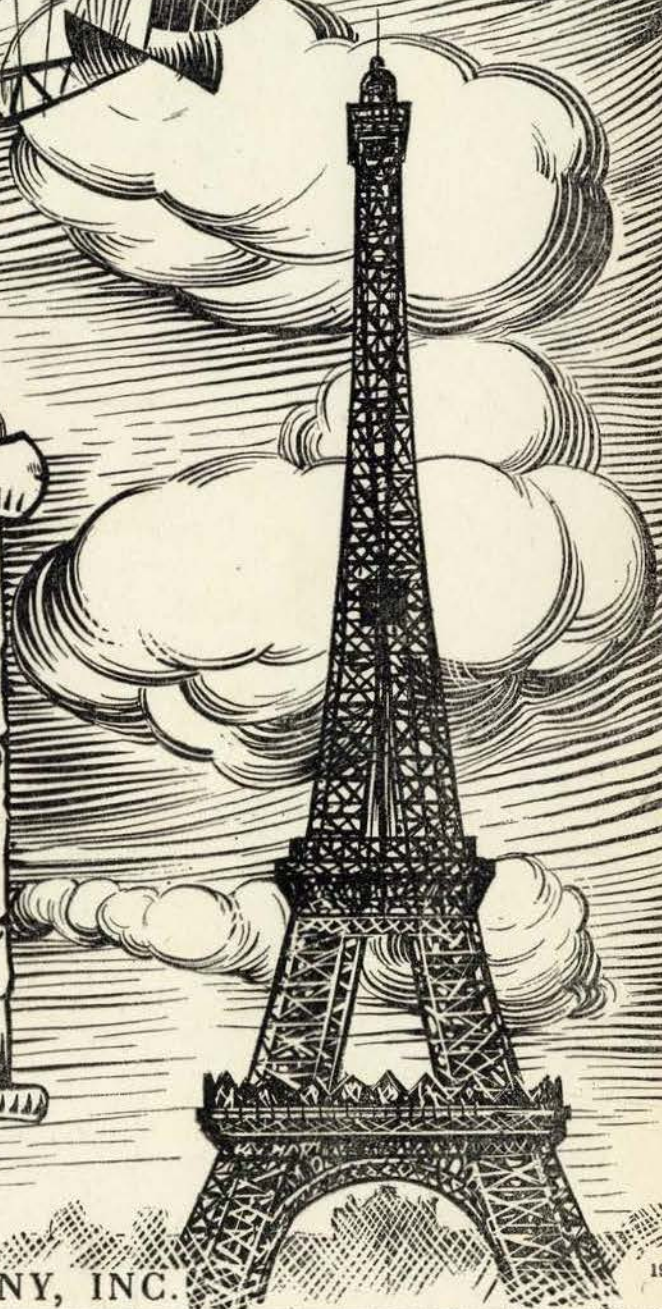
12 fotos do formato 6×6 cms.

Voigtländer **BRILLANT»**

REPUTAÇÃO

O conceito em que é tida qualquer organização reflecte-se de maneira nítida no modo como é considerada a sua actividade e no apreço em que são tidos os seus produtos. Para a vista experimentada do técnico, a superior qualidade do material PHILIPS é um facto incontroverso; para o leigo, basta o nome PHILIPS. Êle é uma garantia do produto e de assistência assegurada.

PHILIPS

LÂMPADAS DE ILUMINAÇÃO NORMAIS E ESPECIAIS — LÂMPADAS DE SÓDIO E MERCÚRIO — LÂMPADAS FLUORESCENTES — RECEPTORES E EMISSORES DE T. S. F. — VÁLVULAS DE EMISSÃO E RECEPÇÃO — INSTALAÇÕES AMPLIFICADORAS DE SOM — CINE SONORO — RAIOS X (APARELHAGEM CLÍNICA E INDUSTRIAL) — SOLDADURA ELÉCTRICA: RECTIFICADORES E ELECTRODOS — RECTIFICADORES PARA CARGA DE BATERIAS — FILTROS MAGNÉTICOS PARA ÓLEOS

FÓSFOROS
Lis
SÃO Realmente BONS
COMPANHIA LUSITANA DE FÓSFOROS

DEPOIS DO SOL É A "TUNGSRAM"
QUE MELHOR ILUMINA PORTUGAL
V. DO CASTELO
BRAGA
BRAGANÇA
PORTO
V. REAL
AVEIRO
VIZEU
GUARDA
COIMBRA
LEIRIA
C. BRANCO
SANTAREM
PORTALEGRE
LISBOA
SETUBAL
EVORA
BEJA
FARO

O ACONTECIMENTO AERONÁUTICO QUE MAIS EMOÇÃO CAUSOU NO PRINCÍPIO DO SÉCULO, FOI O VÔO DE SANTOS DUMONT EM DIRIGÍVEL, À RODA DA TÔRRE EIFFEL. NO ENTANTO, O FUTURO DA NAVEGAÇÃO AÉREA ESTAVA NOS AVIÕES, PARA OS QUAIS A «INTAVA» PRODUZ ACTUALMENTE OS MAIS APERFEIÇOADOS LUBRIFICANTES E COMBUSTÍVEIS.
INTAVA
SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.
1989

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º-TEL. 2 9811-LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NUMERO 20 ★ ABRIL, 1944 ★ VOLUME 4.º

CAPA DE BERNARDO MARQUES — DESENHOS DE OFÉLIA MARQUES, BARATA FEYO E BERNARDO MARQUES — FOTOGRAFIAS: DE ALVÃO, BELEZA, J. BENOLIEL, FRANCISCO SANCHES, HORÁCIO NOVAES, MANFREDO, PROF. ROCHA BRITO E TOM.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 45$00 — Estrangeiro: 70$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua do Ouvidor, 106, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda e Fotogravura Nacional, Lda
Composição e impressão: Tipografia da Emprêsa Nacional de Publicidade

PREÇO: 7$50

Viagens
NA MINHA INFÂNCIA

POR NATÉRCIA FREIRE

DAQUELA rua empedrada ao Jardim do Calvário iam talvez uns cem passos.

A Angelina batia à nossa porta e dizia com aquela voz menina-irmã mais nova da voz da avó: «Agora já pode vir».

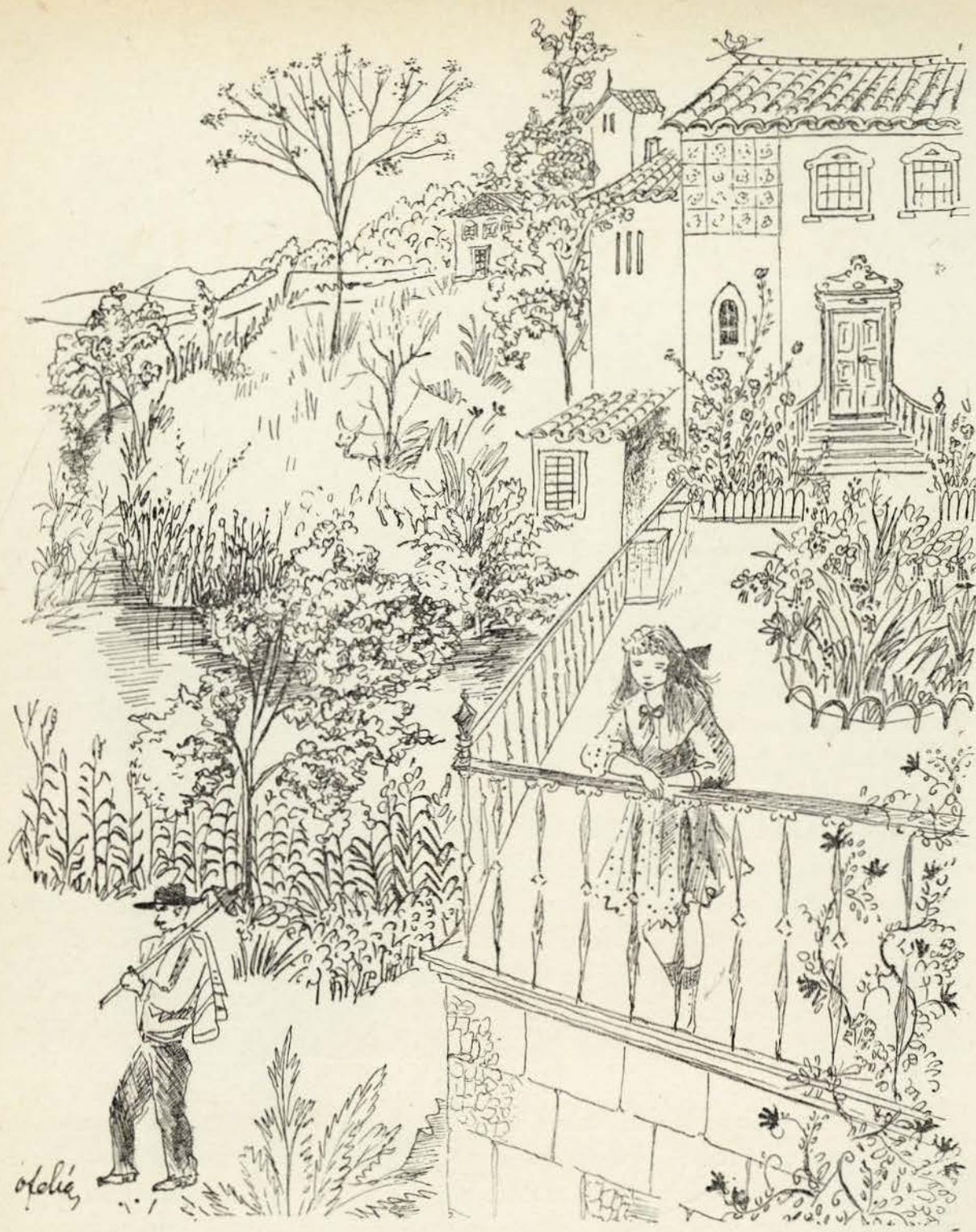
Meu Deus, como eu era feia! Via-me ao espelho do bengaleiro postado no corredor largo, e examinava-me detidamente. A franja sôbre a testa encrespava-se com uma côr de cobre velho, sem luminosidade, dura e mesmo fria. Tinha uma pele macia, mas nada no meu rosto falava perfeição. Por acaso as minhas sandálias brancas eram novas e adivinhava-me esbelta com o vestido de flores miüdinhas. Também as minhas mãos eram brancas e puras, e eu cheirava ao sabonete que a mãe me dera para o banho.

Fazia calor, nas estradas havia poeira, mas da casa e do meu corpo uma sensação de frescura se evolava, deleitando-me.

Num pulo, eu descia as escadas do jardim. Abaixo do nível do largo, com três grandes palmeiras que se desentranhavam nuns frutos saborosos como nunca mais encontrei (chego mesmo a pensar se não teria sido em imaginação que os colhi) afoitava-me um pouco pela lezíria cortada pelo Sorraia — acampamento de ciganos resingões: — «Tarrenego os teus mortos à porta do cemitério!...» — e extasiava-me com a côr dos brincos de princesa tão senhoris e vermelhos no canteiro, à ilharga esquerda dos quatro pés de ferro do moinho de vento.

Naquele velho jardim suspenso, com uma escada para o Calvário, onde, às noites calmas, havia serenatas, eu corria atrás de borboletas e debruçava-me no seu gradeamento para ver, do outro lado do rio, os bois cujos chocalhos, tilintando, me chamavam.

Era fresco o pôr do sol, com as árvores do largo movendo-se lá em cima e os ranchos de beirões voltando ao seu *quartel.*

A avó da Angelina fechava a porta da casa da guarda muito trémula e míope. A Angelina, com a grande trança enrolada até quási ao meio da cabeça, pegava-me na mão e (com as palavras: «vamos menina!») subia a escada mais depressa do que eu.

Tinha-se acabado o meu dia. Ao chegar a casa, era preciso fechar janelas e portas, porque os mosquitos entravam onde vissem luz. Noite alta, adivinhando o luar, moço, da vila branca e sossegada, eu acordava infeliz.

Nasceste naquela casa — apontava a mãe, indicando um prédio de esquina, com quatro janelas iguais, amplas, e um aspecto tímido de noiva puríssima.

Era madrugada, fazia frio e caía geada. Da estrada da Vala-Nova olhava-se a vila que, assim de longe, parecia quási uma cidade. A casa da Vala-Nova debruçava-se para o

rio sombreado de salgueiros e, estrada fora, passada a ponte velha, Jericó abandonado — convento de frades sisudos a poucos passos da fonte — acenava para a estrada lisa. Oh, o frio severo daquelas madrugadas sem sol, brumosas, incompletas e, todavia, tão plenas do sonho que ainda esperava!

No meio do campo os olhos alongavam-se sem detenças. A hostilidade que os naturais da terra tinham aos meus irmãos e a mim, deixava de existir. O tractor tagarelava, cortando o solo a esboroar-se. E as gaivotas, rodeando o círculo que a máquina descrevia, concediam ao trabalho do homem um momento de vitória. Do outro lado o trigo crescia, verde e certo. As mulheres mondavam-no, com o capataz de vigia e a *rainha* à direita de tôdas, indicando o trabalho.

Tudo era belo e possuía mistério — o mistério, principalmente, da minha adolescência.

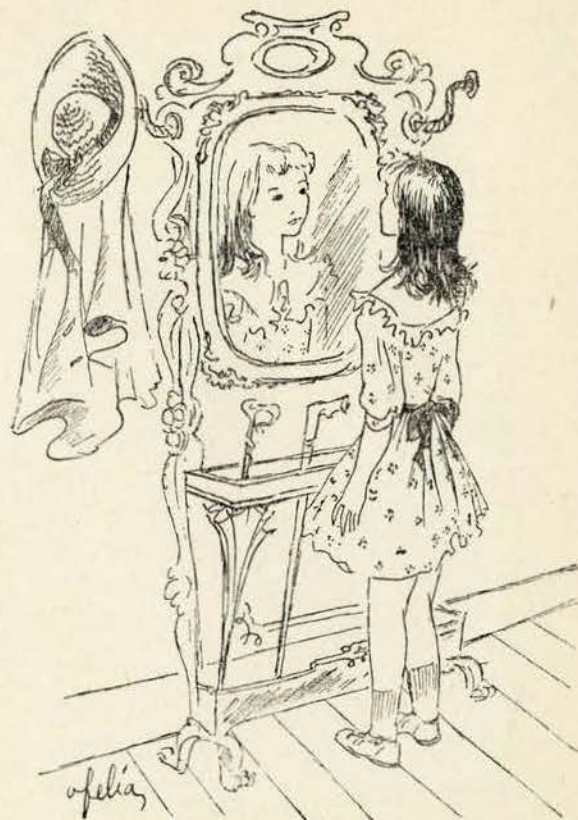
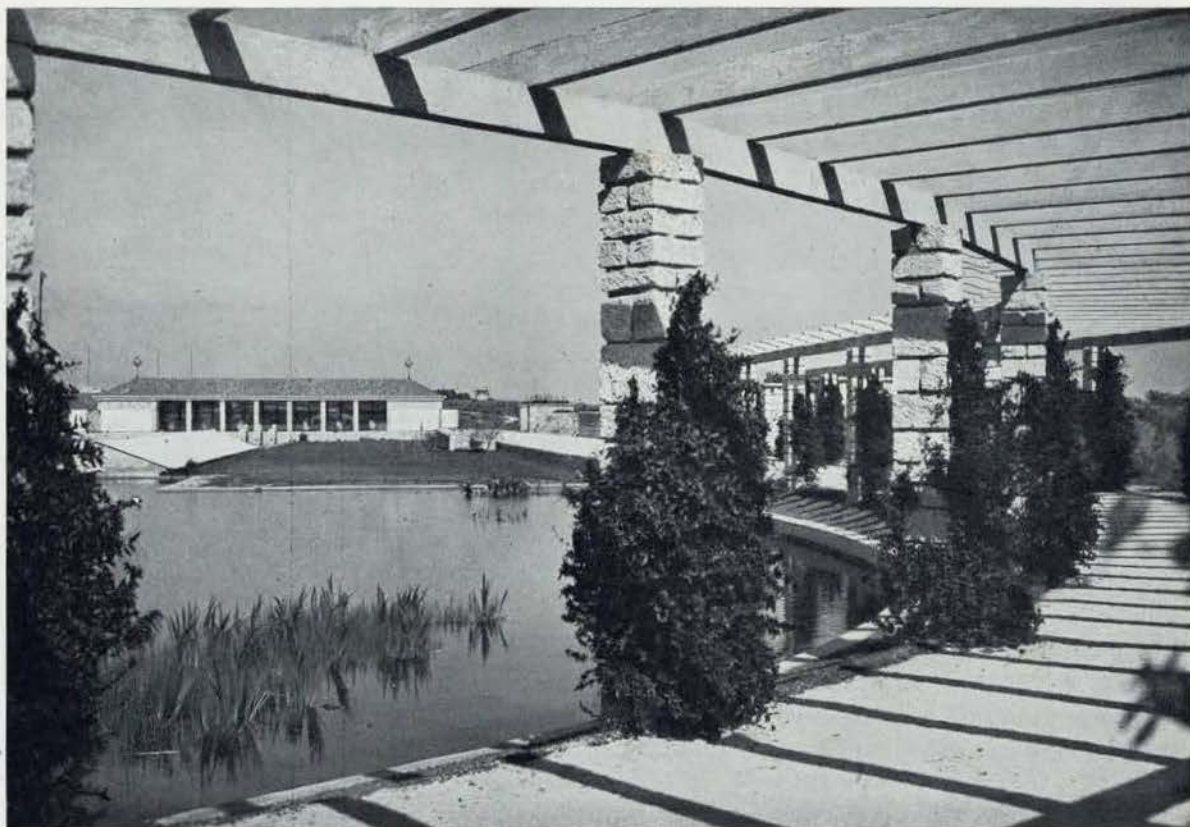
No inverno não podia voltar ao jardim. E, mesmo, quem me levaria lá? A nossa casa agora ficava mais distante, a Angelina e a avó tinham morrido e, naturalmente, eu teria mêdo de descer os degraus da escada. Encostava-me ao vidro da janela, onde a chuva desenhava longos caminhos. O frio da parede doía-me nos joelhos despidos.

Aquêle parapeito era estreito, aquela casa grande gelava-me tôda, e eu não sei ainda definir bem o que imaginava de sol naquelas tardes desoladas.

Quando o pai era vivo, mal a Primavera acordava ao bater de Março, combinava o passeio ao *meu bosque*. Bilrete, enredado de choupos esguios, de salgueiros e eucalíptos, aparecia como um Paradou fechado e mais selvagem, com cobras a rastejar, zumbidos e um rumor de remos batendo a água esverdeada e densa. Mas naquele ano não haveria passeio e o meu *bosque* guardaria um luto pesado e oprimido, porque o meu pai morrera e o meu vestido era prêto.

Depois, pelas veredas lentas e longas do meu alvorôço, compunha lares minúsculos de bonecas onde me movia como perfeita dona de casa. Não faltava, nesse *lar*, o fogão, a braseira, o cêsto da roupa, os panos de cozinha.. Não faltava nada: nem um têrço. Todavia, dentro da *minha* casa mais ninguém se movia. Meus infantis doze anos, carregados de adivinhações, e ao mesmo tempo sossegados perante todos os mistérios!

DESENHOS DE OFELIA MARQUES

(Continua na pág. I)

A SERRA DE MONSANTO

PARQUE FLORESTAL DA CIDADE

É muito velha a nossa formosa Lisboa.

Com os nomes de Olisipo, Ulisipo e Olisipona, etc., dela se ocuparam grandes escritores, poetas e historiadores da antiguidade. Ao seu pôrto vieram, pela rota do Mar Oceano, fenícios, gregos e cartagineses e nela dominaram os romanos (138 anos antes de Cristo) os visigodos e os mouros, todos tendo deixado rasto da sua passagem.

No magnífico ancoradouro do Tejo trocaram-se alguns séculos antes de Cristo produtos vindos do Mediterrâneo por outros do Norte da Europa. Seus arredores: a Serra de Monsanto e terras conseqüentes até ao mar, e Sintra, foram habitados desde idades remotas, como o demonstram a Praia do Guincho e o Alto Estoril, com o seu paleolítico, Carcavelos e Parede com o neolítico, Alapraia com o eneolítico e (agradável surpresa dêste ano de 1944), uma apreciável estação arqueológica junto do Miradouro de Montes Claros, em plena Serra de Monsanto.

Bela devia ser, naqueles recuados tempos em que

os montes e os vales estavam mais entregues às leis da natureza do que as actividades do homem, tôda a formosa zona hoje chamada da Costa do Sol com as Serras de Sintra e de Monsanto, exuberantes de florestação, a servir-lhe de fundo.

O povoamento e a necessidade da defesa contra as feras e, sobretudo, o imperioso da exploração do terreno devem ter obrigado à destruïção da selva e, assim, a magnífica e ensombrada Serra deve ter desaparecido para, em seu lugar, surgirem montes escalvados e agrestes, onde ventos devastadores deviam prosseguir a sua acção destruïdora.

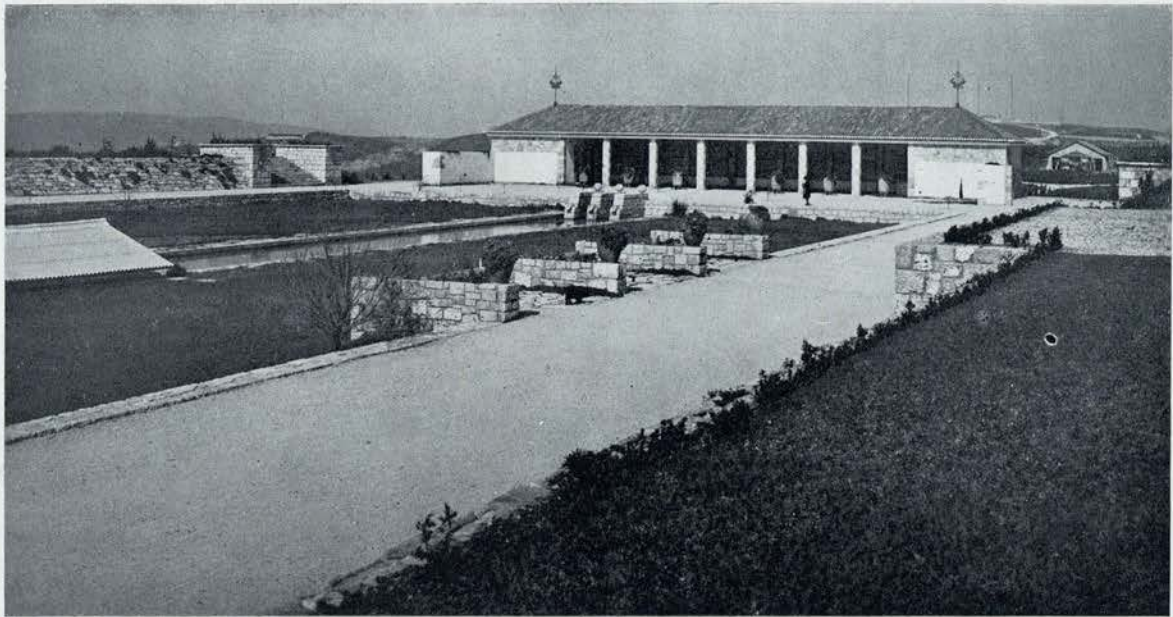
Lisboa, grande desde tempos distantes, mas pequena demais para necessitar de levar a sua expansão para lá de Belém ou de Campolide, viveu, por séculos, quási alheada de Monsanto.

Apenas (àparte os que honradamente se empregavam nos trabalhos da exploração agrícola) nela vagabundeavam vadios que se aproveitavam dos esconderijos e grutas para fugirem à acção da polícia ou dos tribunais. O crescimento populacional da cidade, a conseqüente construção do casario e as próprias doutrinas da moderna ciência urbanística tornaram em imperativo a necessidade da construção de parques e jardins, apregoados «pulmões» dos aglomerados populacionais.

Começou, então, a falar-se de Monsanto. Apareceram alvitres e sugestões.

No *relatório àcêrca da urbanização geral do País* dizia, em 1867, o Eng. João Maria de Magalhães: — «Poderia mesmo lembrar a V. Ex.ª as imediações de Lisboa, tôda a Serra de Monsanto que muito conviria arborizar, para mais tarde abastecer a cidade de lenhas e madeiras, amenizando, ao mesmo tempo, a aridez que nota o viajante quando entra no Tejo, vendo de um e outro lado montanhas escalvadas. Seria mesmo para desejar que dentro de Lisboa se fizessem plantações, como são a Costa do Castelo, o Monte, a cêrca do Quartel da Graça onde algumas enfezadas oliveiras poderiam ser substituídas por verdes maciços de arvoredo, que dariam à cidade um aspecto mais risonho e modificariam favoràvelmente o clima, contribuindo eficazmente para a salubridade pública».

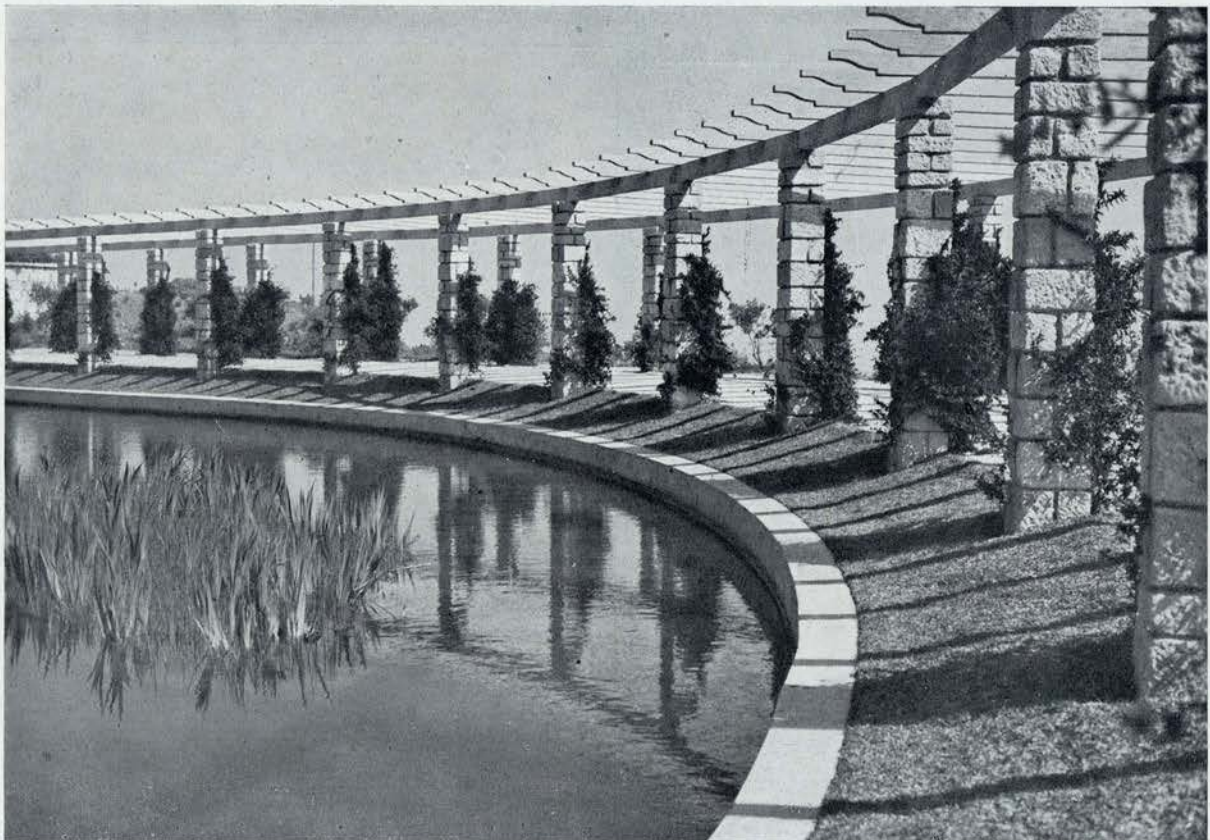
Por mais de uma vez foi defendida a necessidade da arborização da Serra; jamais, porém, se passou de conselhos ou sugestões, e de opi-

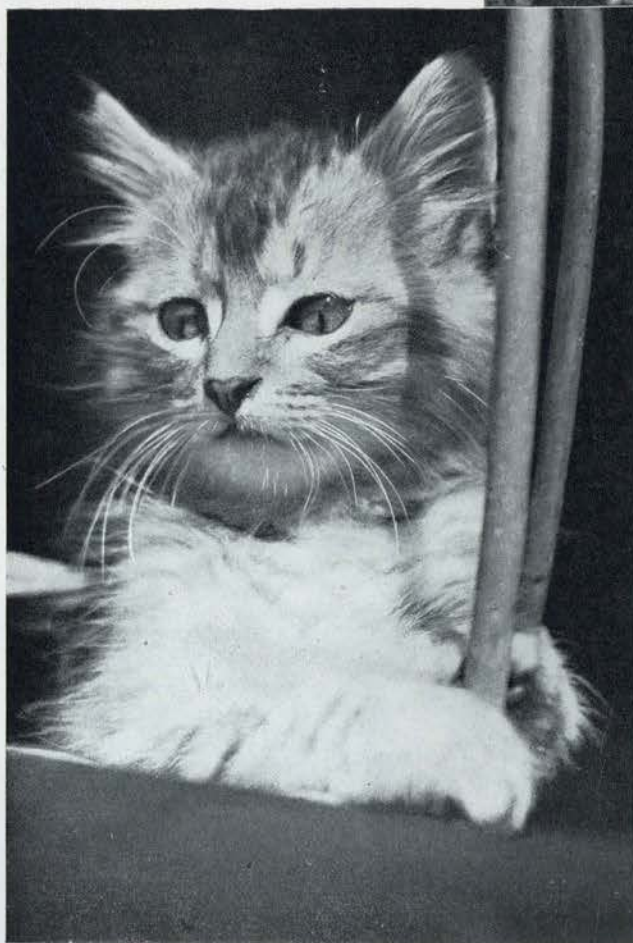
Diversos aspectos da magnífica obra de urbanização realizada pela Câmara Municipal de Lisboa na Serra de Monsanto, de onde se contemplam os mais belos panoramas da nossa capital

niões, aliás muito louváveis, até que, em 1934, o *Diário do Govêrno* do dia 1 de Novembro publicou o Decreto-lei n.º 24.625, com as seguintes preliminares afirmações:

«Recomendam os urbanistas como primacial elemento de embelezamento e higiene dos agrupamentos populacionais a criação de núcleos de arborização regularmente distribuídos em função da densidade das populações e das exigências da estética [...].

JAIME LOPES DIAS

(Continua na página I)

A população lisboeta passa a ter neste Parque um excelente local para respirar ar puro e distrair o espírito

Animais

BONECOS DE BARRO ANIMADO NA FEIRA DA NOSSA PAÏSAGEM

TEIXEIRA de Pascoaes põe em relêvo, na «Arte de ser português», o papel que a päisagem representa na existência do homem, a influência moral que ela axerce em nós e cujo estudo poderia ser da máxima importância para maior conhecimento da alma humana.

Ora, se as árvores e as pedras, os seios dos montes e as fitas dos ribeiros, como génios tutelares, condicionam até certo ponto a nossa maneira de ser, é natural admitir que os próprios animais, como elementos vivos da päisagem, contribuam para a formação do nosso carácter e de muitos dos nossos costumes.

«Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens», afirma a sabedoria popular. O adágio não deve ser apenas alusivo à companhia dos nossos semelhantes, mas ainda à dos bichos que nos rodeiam, que nós julgamos educar ao nosso modo e ao sabor das nossas conveniências, e que, tantas vezes nos

FOTOS MANFREDO

FOTOS DE ALVAO, BENOLIEL E MANFREDO

modificam os hábitos e orientam a própria existência. Na païsagem portuguesa, com o seu ar ingénuo e doce de presépio verde, a que não faltam, sequer, os anacronismos dos fios telegráficos e dos combóios fumegantes, não podiam deixar de estar presentes a vaquinha e o jumento. Povo essencialmente agrícola, curvado sôbre dois palmos de terra, a manada, o rebanho e a récua tinham de constituir os seus aglomerados animais. As ovelhas e os carneiros estendem o seu tapête ondulante e macio pelas encostas dos montes. O homem que os acompanha e passa, horas e horas, no seu convívio, de olhos presos nos longes do horizonte ou na madeira que os seus dedos vão afeiçoando com jeito de artista, é paciente e melancólico.

Em Portugal não há animais ferozes, que açulariam naturalmente o espírito combativo. Apenas, de quando em quando, um lôbo faminto desce ao povoado, onde o homem guarda sempre, por isso, uma pontinha de desconfiança.

Àparte uma ou outra zona onde o cavalo abunda, originando maior ligeireza de movimentos e, talvez, maior fogosidade nos ânimos, o gerico e a mula são, na nossa Província, os animais de carga e de transporte. Lá seguem os feirantes, a caminho do mercado, com a sua fila interminável de mulas guizalhantes e manhosas, em cujo trato êles aprenderam, possìvelmente, as suas manhas de vendedores. Lá vêm, ao trote pachorrento dos asnos côr de cinza, as cachopas de blusa vistosa e de largo e escuro chapéu de sol...

Os ninhos são aos milhares: num berço das árvores, para as cegonhas; nos beirais, para as andorinhas. O homem aprende, assim, com os seus companheiros alados o culto do lar, da família — e da poesia.

Grasnam os patos, fugindo para as ribeiras. E as guardadoras, perseguindo-os, de saia arregaçada, tornam-se esquivas e ficam-se a pensar naqueles rimances

FOTOS MANFREDO

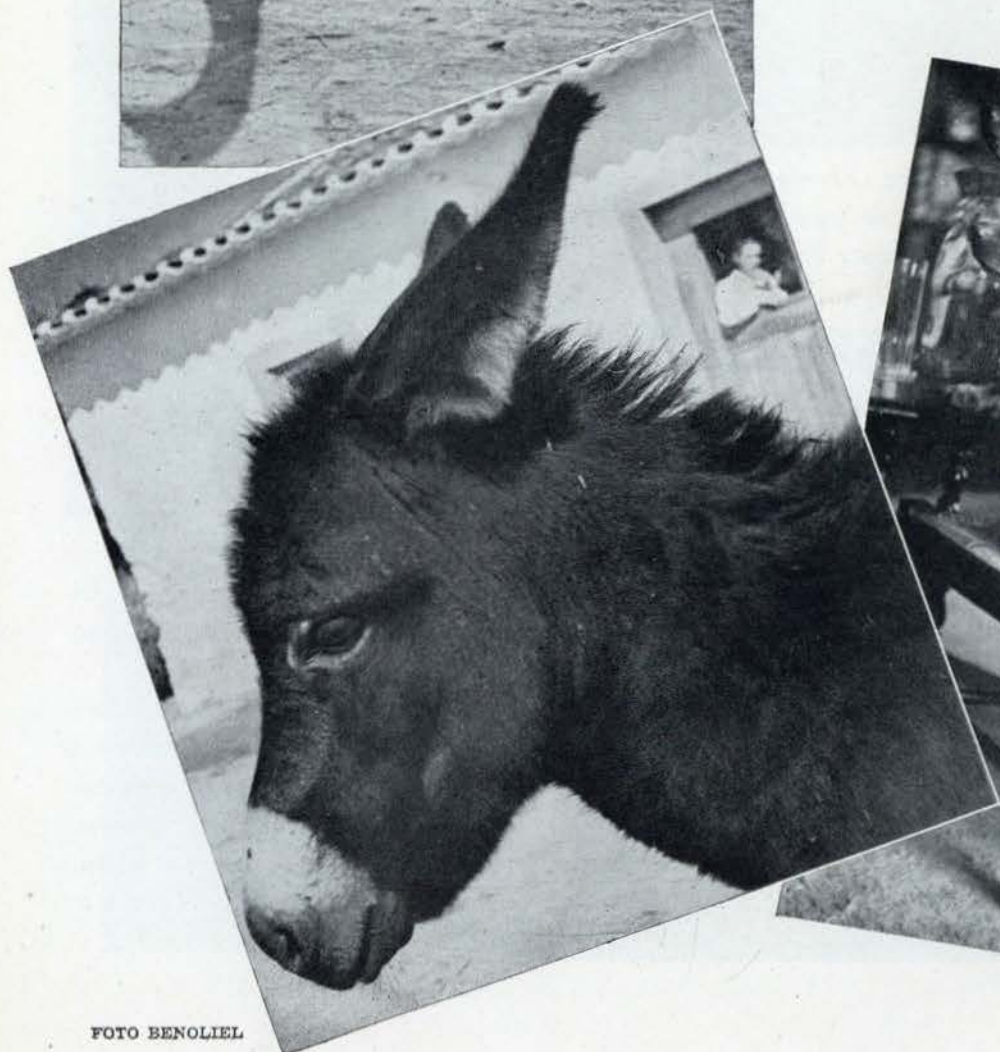



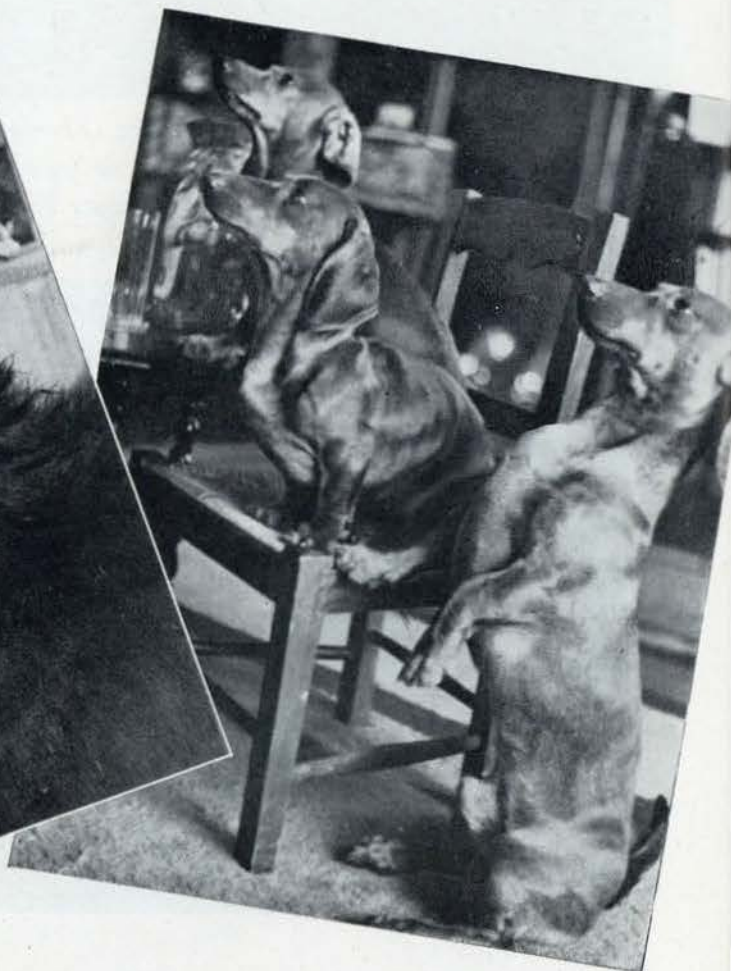
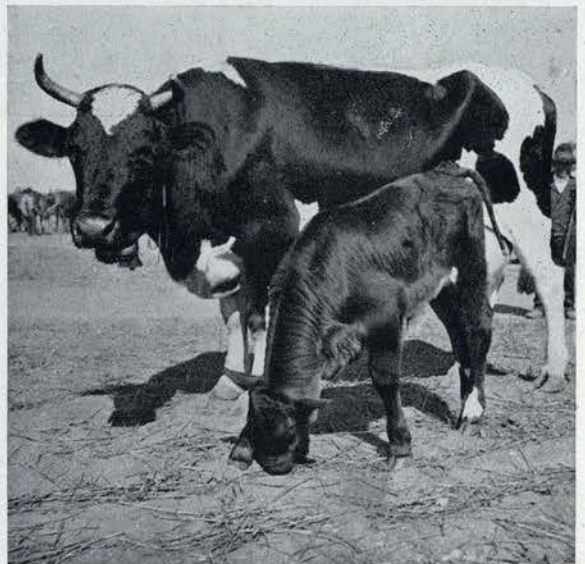
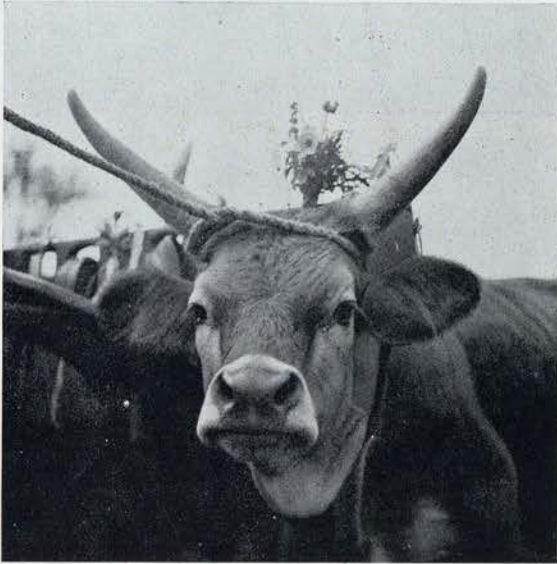
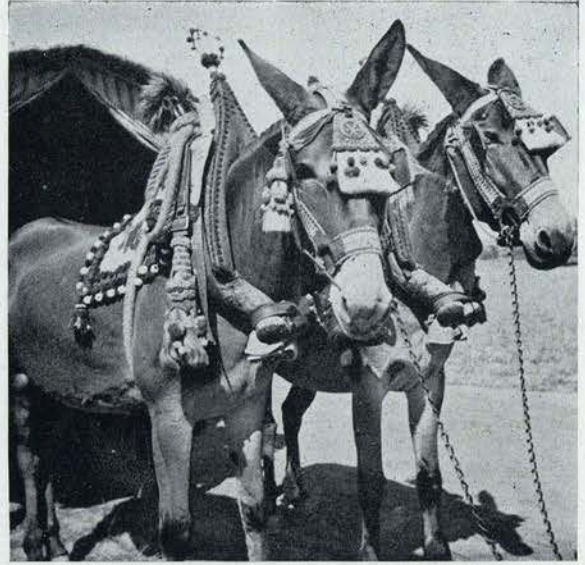
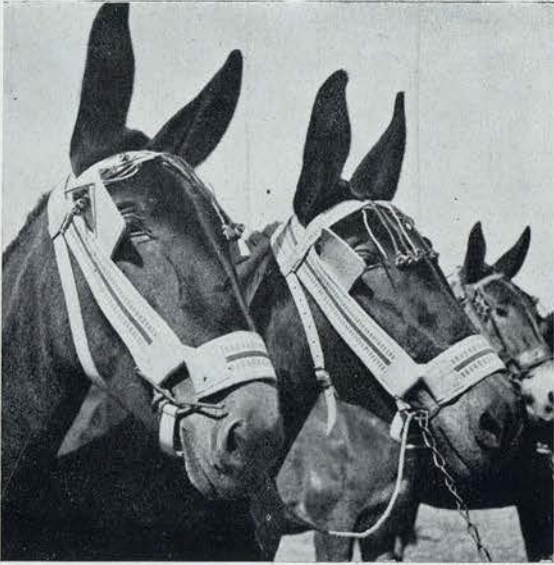
FOTO BENOLIEL

FOTOS DE TOM

FOTO MANFREDO

FOTO DE FRANCISCO SANCHES

populares em que se fala de uma filha de reis, guardando patos...

Nas cidades, o bichano, ao fazer o seu prolongado e caprichoso atavio, dá lições de graça feminina, ou, enovelado no regaço da dona, convida-a para um «tricot» infindável, como a teia de Penélope. O cão, de que há tão belos exemplares no nosso país, êsse é, na sua vida, uma aula prática de lealdade.

Os animais são a paisagem em movimento. Enchem-na de pitoresco e põem acordes de côr vibrante na escala monótona dos verdes. São os bonequinhos de barro animado na feira em ponto grande que nos envolve no seu abraço festivo: seres que dão alma ao meio ambiente. Do seu mundo se poderia dizer, em relação à nossa paisagem, o que já Salústio afirmava, referindo-se ao mito do universo: — «encerra, visìvelmente, o corpo das coisas e, de maneira oculta, a sua alma e o seu espírito».

ADOLFO SIMÕES MÜLLER

FOTOS DE TOM

CONCURSO DE MONTRAS DE 1943

ORGANIZADO PELO SECRETARIADO DE PROPAGANDA NACIONAL

Sob a presidência do director do S. P. N., reüniu-se no passado mês de Março o júri do «Concurso de Montras de 1943» (3.º ano em que se dá realidade a esta interessante e útil iniciativa) e que foi constituído pelos artistas: arquitecto Jorge Segurado e pintor Carlos Botelho, afim de julgar as montras concorrentes, e de atribuir os prémios, que foram os seguintes:

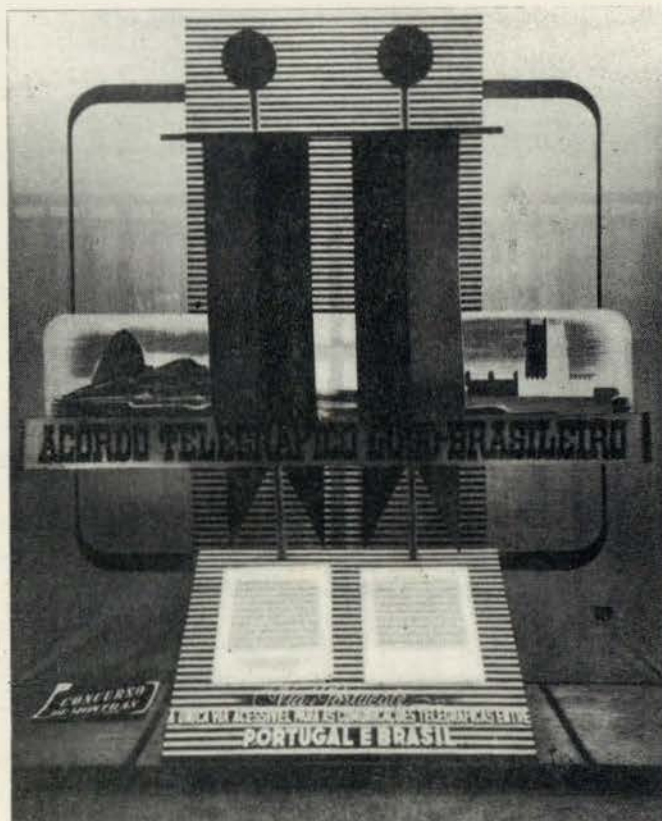
Categoria «A»: 1.º: «Prémio Taça de Prata», à montra com a legenda «A Medicina Antiga», do Instituto Pasteur de Lisboa, e um prémio de Esc. 2.000$00 ao autor do projecto, o artista-decorador Roberto Araújo. — 2.º Prémio pecuniário de Esc. 1.500$00, à montra com a legenda «Telegramas de saüdações sôbre o Acôrdo Telegráfico Luso-Brasileiro», da Companhia Portuguesa Rádio Marconi, e um prémio de igual quantia ao autor do projecto da montra, o artista-decorador José Rocha.

As montras do Instituto Pasteur e da Companhia Rádio Marconi, que êste ano obtiveram o 1.º prémio, e que foram realizadas, respectivamente, por Roberto Araújo e José Rocha.

FOTO BELEZA

ELVAS — A «Rainha da Campina»

FOTO ENG. FERRUGENTO GONÇALVES

Com os seus baluartes, as suas tôrres, os seus eirados e o seu aqueduto, Elvas é, para o caminheiro que passa, um apêlo súbito às energias mais fundas da nossa sensibilidade. Verdadeiro sanatório para almas isoladas e insatisfeitas, Elvas tanto nos fala e prende à hora pérfida do crepúsculo, como levantada em glória entre *balalis* raivosos de cigarras, por um céu inclemente de Julho.

Foi assim, prêso pelos naturais encantos da nobre cidade-sentinela raiana, por êle escolhida para aí estabelecer o seu refúgio de reconstrutor da idéia nacional, que o poeta e mestre do Integralismo Lusitano, António Sardinha, se exprimiu em luminosos têrmos onde se sente palpitar inteligente regionalismo ao lado do conhecimento mais são dos pergaminhos históricos da bem provada praça de armas.

Muito se fala, entre nós, e agora com acêrto, em turismo; mas o turista — aquêle que pode viajar repousadamente — desdenha muitas vezes o que é

Cruzeiro

Tipo de casa alentejana e o Aqueduto das Amoreiras

Muralhas da cidade e porta de S. Vicente

S BELEZA E ENG. FERRUGENTO GONÇALVES

belo e forte, retintamente português, trocando-o pelo que é fútil e fugaz, apenas *catita*...

Uma viagem a Elvas — onde hoje existe, mercê da acção do Secretariado da Propaganda Nacional, a atraente *Pousada de Santa Luzia*, em lugar privilegiado para bom remate das fadigas de uma longa deslocação — não constitui, apenas, deleite para a vista. É, de facto *apêlo súbito às energias mais fundas da nossa sensibilidade*, porque cada pedra, cada recanto da veneranda «urbs», cada seu monumento nos fala do mais sólido amor da pátria, feito de sacrifícios heróicos e de actos magníficos.

Tôda a vida de Elvas, desde que Sancho II definitivamente a integrou no território nacional (1226), irmanando-a pela letra do foral que lhe concedeu em 1229, a Évora — outro relicário de jóias histórico-artísticas — tôda a vida de Elvas, íamos dizendo, está intimamente ligada à vida portuguesa e pode, sem exagêro, afirmar-se que foi participante de todos os grandes sucessos históricos da nacionalidade, gozando nas suas horas de triunfo, penando nos seus momentos de luto.

Se, pràticamente, não viveu o poema marítimo da Expansão, dada a sua posição geográfica, é certo que, durante essa longa caminhada oceânica, esteve sempre alerta para evitar qualquer surprêsa. E de tal modo se impôs ao reconhecimento real, que D. Manuel a elevou à categoria de cidade (1513: há, portanto 430 anos) e D. Sebastião conseguiu que Roma a escolhesse para sede de Bispado, extinto há seis décadas — facto com que os verdadeiros elevenses não podem conformar-se; por isso, se renovaram as instâncias para a sua restauração, apresentando-se razões não só históricas, como de profundo sentido religioso.

A situação geográfica do aglomerado não lhe trouxe apenas horas amargas com o reverso dos triunfos, após duros combates, como aquêles que se verificaram nas épocas periclitantes da Independência, nos séculos XIV, XVII, XVIII e XIX. Elvas serviu, pela sua posição raiana, de cenário riquíssimo a consórcios reais, ou aos cortejos deslumbrantes que os precederam, como êsse, tão celebrado, a que deu aso a troca das Infantas de Portugal e Espanha, para os casamentos com os Príncipes D. José e D. Fernando, acto a que D. João V quis dar inultrapassável esplendor.

No escudo heráldico de Elvas (onde sobressai, armado e empunhando o pendão das Quinas, o Senhor Dom Sancho II) lê-se, como divisa, o versículo do divino cantor: «*Custodi nos Domine ut pupillam oculi*». Com efeito, tôda a existência da histórica cidade realiza esta súplica.

(Continua na pág. VII)

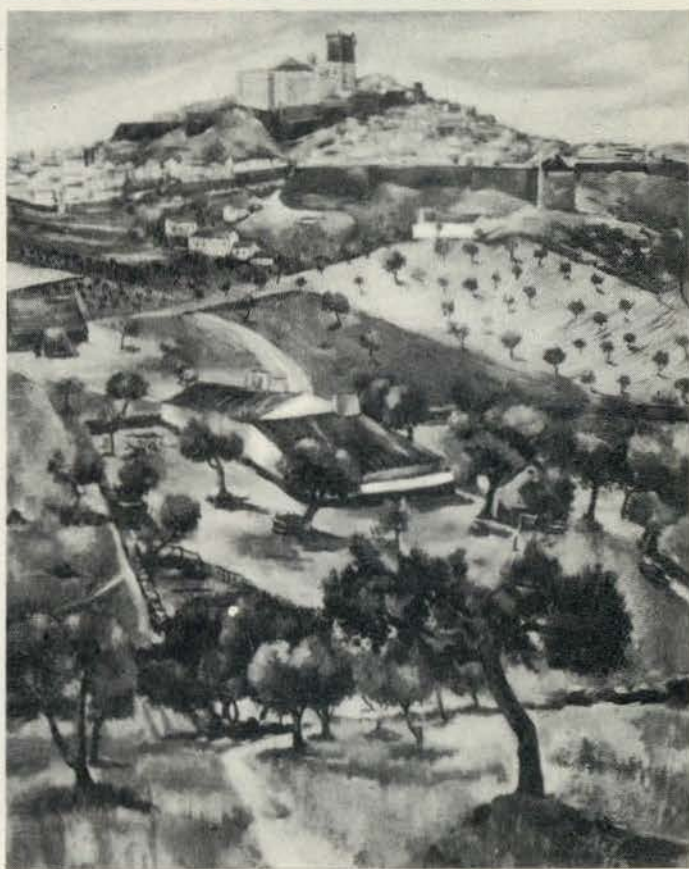
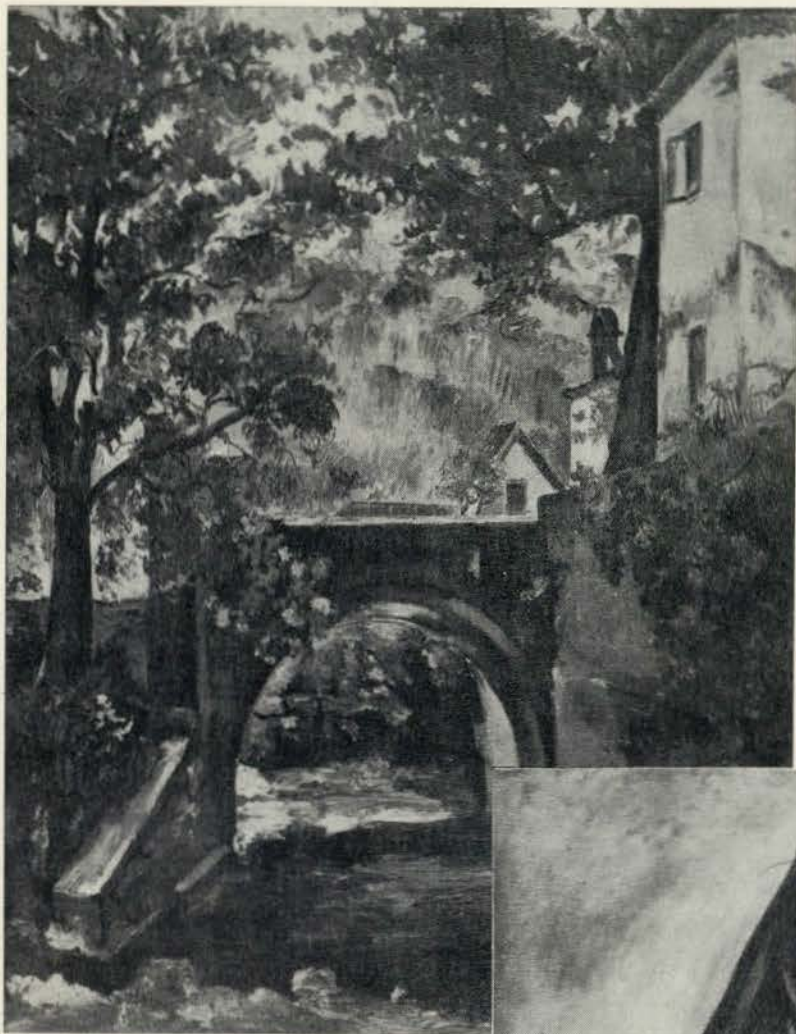
«A Casa Amarela». — «Estremoz». Óleos.

FOTO MARIO NOVAES

EXPOSIÇÃO DO PINTOR JÚLIO SANTOS NO ESTÚDIO DO S. P. N.

A primeira impressão que me causou a exposição de Júlio Santos, foi a de uma unidade grande e pouco vulgar. Unidade de sentimento e de técnica, de concepção e de factura, de que não resulta monotonia ou excessiva imposição de personalidade, mas, antes, a variedade de temas e de expressões, de harmonias e de ritmos, de formas com estrutura própria.

Na composição, a geometria altera-se livremente, com aquela elasticidade natural nos artistas que se não deixam dominar por sistemas convencionalmente adoptados. O desenho, como instrumento e não como finalidade, fala-nos numa linguagem clara, sã, independente. E, quanto à modelação e à côr, as obras expostas denunciam, quási na totalidade, um pintor e um colorista, na verdadeira acepção dêstes têrmos.

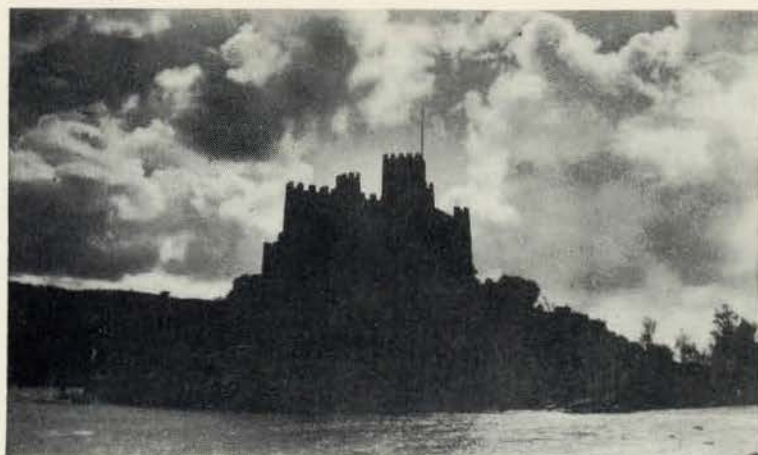
A segunda impressão que me deixaram os trabalhos de Júlio Santos, foi a de uma honestidade irredutível. Que magnífico

«Ponte em Galamares». — «Mulher com peixes». (Nazaré). Óleos.

FOTOS HORACIO NOVAES

desprêzo pelos dois flagelos de tantos artistas contemporâneos: a *receita* e a *moda!*

Terceira comoção, e bem acentuada: a da conciliação que o pintor manifesta entre os fins que pretende atingir e os meios de que dispõe. Concentrado e, por isso, afeito a exames da própria consciência, o seu lirismo, produto de saüdável visão da Natureza, manifesta-se em fôrça íntima, que pode orgulhar-se de não precisar de recorrer a extravagâncias desnecessárias ou deformações exibicionistas, para se impor.

No conjunto, a exposição de Júlio Santos revelou uma espontaneidade cheia de interêsse, uma justa coesão do artista e do artífice, uma fôrça que não é feita de violências, mas de convicção e de recursos naturais — abertos para uma evolução que o tempo, certamente, ajudará.

LUIS REIS SANTOS

C Ô R E S E I M A G E N S

DE PORTUGAL

PELO DR. A. DA ROCHA BRITO

CASTELAR, num momento de ternura pela Galiza, escreveu que o Criador, ao contemplar a sua obra, achando-a incompleta, pousara a mão direita sôbre a costa galega e logo entre os dedos ficaram esculpidas as quatro mais belas rias do mundo. Mas, o mesmo Criador — poderia ter acrescentado Castelar — reservara as últimas e mais belas tintas da sua paleta para a nossa terra, e logo pintara a mais formosa manta de retalhos que se possa imaginar, estendida entre o leão de Castela e o mar embalador, no qual um dia embarcava à descoberta do Mundo. Desenhara-a de norte a sul para, em pequeno espaço, lhe dar mais graus de latitude, e, generoso, a aquecera com a corrente do Gôlfo...

Pequenina tira de terra, apertada entre dois azuis incomparáveis, o religioso do céu e o tentador do mar. E tem de tudo o velho solar onde há oito séculos vive a família portuguesa, cuja maneira de viver, feita à imagem e semelhança da terra, fêz uma raça — um povo, e melhor do que um povo — uma alma! Uma alma tão identificada com a terra, feita tão à sua imagem e semelhança, que uma e outra já se não podem separar. É por isso que o português, quando viaja, leva-a para tôda a parte, feita saüdade.

Tem de tudo um pouco e bem repartido pelas suas oito províncias, sem que nenhuma deva invejar as outras. Dois jardins — o Minho e o Algarve — dois jardins tão diferentes, embora ambos lindos, o primeiro garrido, multicor, com os seus montes verdes e ribeiros cantantes; o do Algarve, misto de pomar, largo chão, com pequenas colinas e de poucos rios, mais quente, voltado à África, banhado numa luz de oiro, onde a amendoeira e a alfarroba, ao florirem, o tocam de alegria comunicativa e gárrula.

A grandeza, a augusta religiosidade das serras transmontanas, que pedem para as cantar os tercetos de um Dante, e para as desenhar as águas-fortes de um Doré. Contrastando com Trás os Montes, é o Alentejo, a campina rasa, a perder de vista e, sôbre ela, um céu que se confunde no horizonte cujo azul se casa com o oiro das searas, qual mar sem fim, com gotas rubras de papoilas e cobre as tristes oliveiras

Do Pôrto à linda praia de Miramar (da qual vemos, em cima, um pormenor arquitectónico) é só um pequeno e aprazível passeio . . .

Peniche . . . O rio Douro . . . Mértola . . . Uma aldeia de Trás os Montes . . . — ¿ Não é verdade que parecem trechos colhidos pela máquina em diversíssimos países ?

FOTOS DO AUTOR

contorcendo-se em desespêro e dor que se desentranha em azeite para sustento e luz. Na Estremadura, farta e franca, canta a alegria de quem semeia e cria, cobrindo-se de searas, pastos e gados. Depois o Ribatejo, terra do touro bravo e nobre, que marra de frente, e do homem não menos bravo e nobre, que também investe de frente... Se Alentejo e Estremadura são terras de searas doiradas, o Douro é o torrão, por excelência, do néctar capitoso, torrão bendito em cujas abas de socalcos, um sol único numa terra única, amadurece os bagos únicos dos pâmpanos fartos, num beijo fecundo ao solo ardente que o devolve nesse abençoado Vinho do Pôrto que faz esquecer as mágoas e mata a fome a tanta gente, ao transformar-se em oiro.
E as Beiras? Silêncio! Estas são o coração de Portugal, terra sagrada e bíblica, onde se erguem duas serras, cada qual mais bela, ambas esplêndidas: o Caramulo, mais delicado, coberto com o seu manto de esmeraldas até às últimas cristas; a Estrêla, mais augusta, de severa magestade, prolongamento da Meseta, baluarte avançado de Portugal que, como poderoso condensador de nuvens liquefazendo-se sôbre o território iluminado e aquecido pelo sol amigo, explica a prodigiosa fertilidade destas terras. Terras de luz e águas. é em seu seio que se alargam os suavíssimos campos do Mondego que serpeia, plácido, entre colinas baixas onde a oliveira põe um tom de melancólica tristeza, de suavidade bucólica, de harmonia grega, tão próprias para os trabalhos do espírito. Bem haja o rei inteligente que ali fundou a nossa primeira Universidade.
Tantas belesas, que tôdas cabem na concha da mão: o majestoso Tejo, o Douro bravo, o Guadiana lânguido, o poético Mondego; as montanhas plenas de unção religiosa; as colinas suaves; cidades, vilas e aldeias, de tão diversa índole, e sempre portuguesíssimas; searas louras, verdes pinheirais, pâmpanos dourados e rubros laranjais floridos, flores, muitas flores de divinal fragrância, e os mais saborosos frutos.
Tal a terra que o português cava e lavra, onde semeia e planta, com os olhos em Deus, na alma uma seriedade meio triste, meio resignada; nos lábios as ingénuas canções próprias do seu génio.
Esta é a terra que êle ama com amor forte, a um tempo sensual e espiritual, e que em troca lhe dá o pão do corpo e o pão do espírito; terra da promissão, manta de retalhos que o mar vai cerzindo num abraço demorado e o céu religioso cobre e acaricia sob a abóbada luminosa, como outra não há!
Côres e imagens de Portugal! Sois diferentes das outras.

EXPOSIÇÃO DE LINO ANTÓNIO NO S. P. N.

Lino António é um dêsses pintores que, embora de sensibilidade afinada pelo diapasão da estética moderna, amam a realidade em si mesma e a consideram, por assim dizer, insofismável. Outros, de visualidade mais inquieta, mais penetrante, ou mais *independente*, sentem-na de modo diverso. É natural e justo que haja de tudo, para que os contrastes realcem — e para que o público, também, possa optar.

A pintura dêste artista, que colaborou em várias exposições colectivas dos modernistas portugueses, no tempo em que estava acesa — e se justificava — a luta entre «novos» e «velhos», evoluíu plàcidamente, num desejo, aliás legítimo, de aquisição de virtudes técnicas, numa exigência de *saber* experimentado em estudos de efeitos de côr e luz, harmonias de planificação, jogos de volumes fortemente contornados.

O que perdeu em frescura, (inquietação, entusiasmo, ânsia de descoberta), ganhou, dêste modo, em técnica.

Ignoramos se será transitório êsse estádio da pintura de Lino António, particularmente documentado nas suas telas de mais vastas proporções, onde é evidente uma busca de unidade no estilo da composição e no predomínio dos tons metálicos, à base de cobre polido. Não se lhe pode negar uma individualidade distinta e sazonada, mesmo neste esfôrço de progresso técnico — que talvez represente, para outros, a mais apreciável das suas qualidades; mas o certo é que nos parece adequar-se melhor à sua maneira de ser uma largueza de interpretação mais propícia à expansibilidade lírica, tão graciosamente definida nos óleos da sua primeira fase, e ainda patente em aprazíveis anotações de trechos païsagísticos apresentadas pelo artista na sua última exposição individual.

FERNÃO DE LISBOA

Do Jardim de Santa Clara.
Rapariga. — Óleos

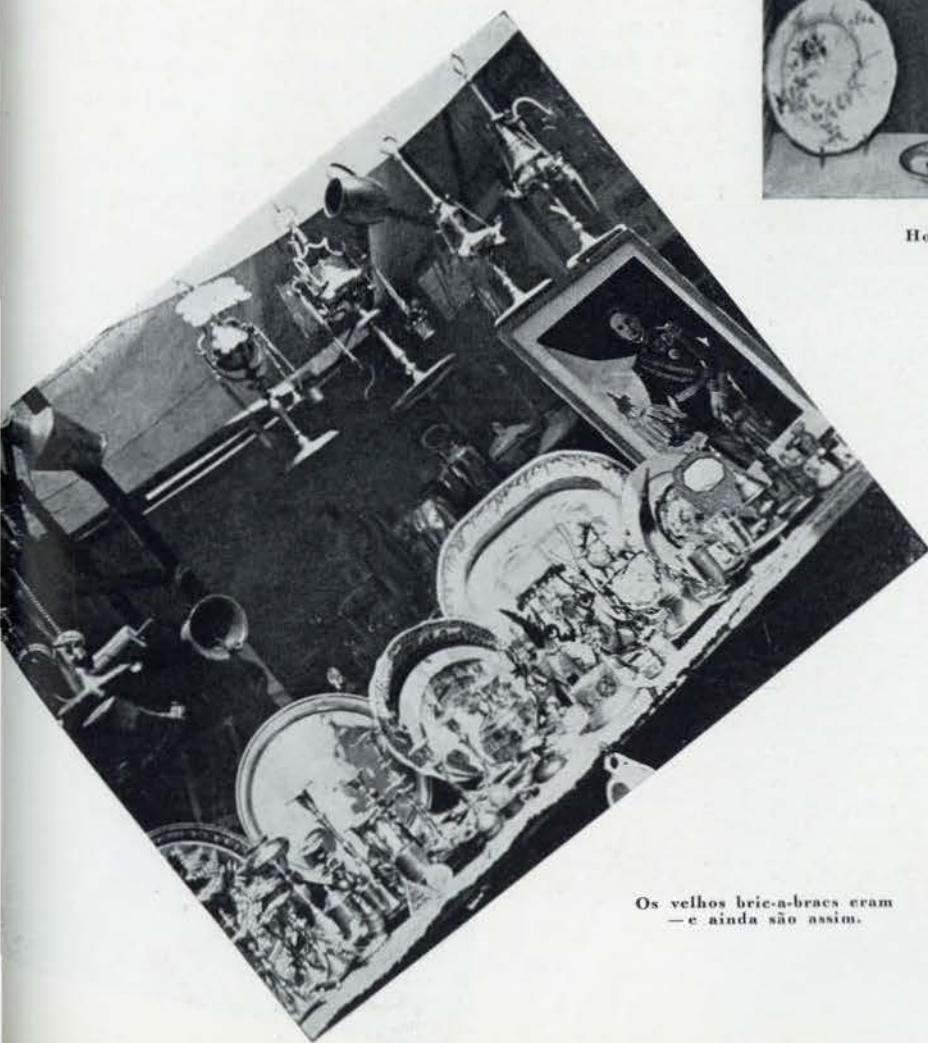
Na praia. Nazaré. (Pertence ao Sr. Carlos Silva Pereira). — Óbidos. Óleos

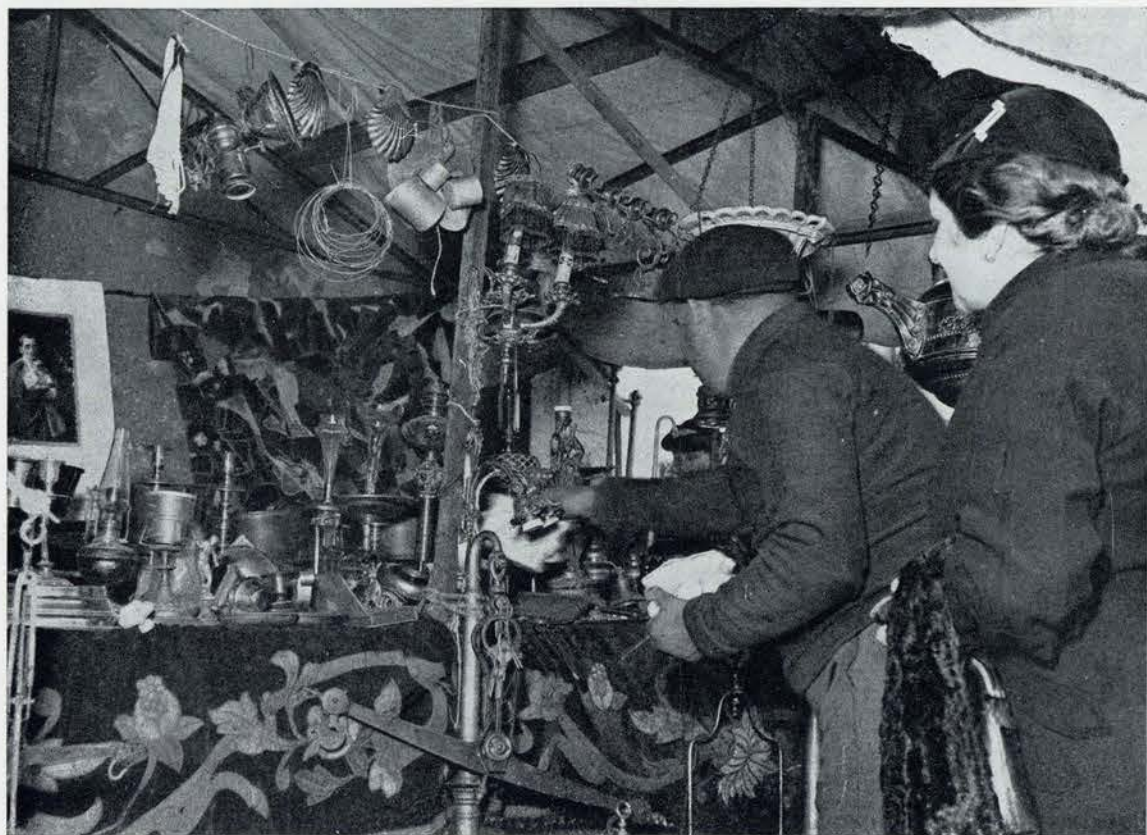
FOTOS HORACIO NOVAES

DO VELHO BRIC-A-BRAC À MODERNA GALERIA DE ARTE

POR FERNANDO GARCIA

Parece ser, de facto, velho, êste velho costume de negociar coisas velhas. Tão velho, que vêm dos antigos tempos de D. Afonso IV as andanças da feira que depois foi a Feira da Ladra dos nossos dias e vai encontrar assim, as raízes da sua ascendência numa idade tão recuada que, hoje, até nos parece impossível... já haver antigüidades nesse tempo! Mas parece que havia. E que o negócio era importante, está demonstrado pelas cuidadosas e freqüentes ordens régias e municipais que estabeleciam e corrigiam o seu funcionamento, os dias e os locais em que se realizava. A Feira, apoteose grandiosa do que se vendia e comprava, revendia e recomprava, andou pela Ribeira, esteve diante do Paço Real, esteve no actual Largo de S. Domingos, no Campo de Santana, em S. Bento, e nos campos de Santa-Clara — onde ainda hoje mora.

Hoje, as galerias de arte — como «Calendas» — expõem dêste modo os seus objectos.

Os velhos bric-a-bracs eram — e ainda são assim.

É na Feira da Ladra que se compram os candeeiros de metal adaptáveis a puxadores de portas, as bengalas que se transformam em molduras, compoteiras de cristal que um dia encontramos vestidas de «appliques» numa sala de gôsto. É ali que se perdem os livros sem

valor, com cartas que valem ouro, esquecidas entre as páginas esfarrapadas. Ali são maculados, em contactos promíscuos — como inocentes atirados para calabouço de meliantes — os medalhões de miniaturas preciosas, ao lado das grevas militares, dos sapatos em segunda mão e dos bancos de cozinha. Nas mantas estendidas ao sol, cercadas de cadeiras sem aparente consêrto, de peças de fazenda novas e de capotes velhos, as jóias de «bric-a-brac», secam e entristecem à espera dos olhos de entendido que as venham namorar e raptar para novas glórias — longe dos molhos de chaves que ali parecem depositados, às terças-feiras, por todos os guarda-nocturnos de Lisboa.

A tragédia das preciosidades que se arrastam entre as velharias sem valor e as vitualhas de alimento do negócio de compra e venda em segunda-mão, passou, ainda, por duas outras aventuras: a aventura pobre do «ferro-velho» de cesto encanastrado no braço e um triciclo a reboque, e a aventura rica, nova-rica, despropositada, poeirenta e confusionista da loja de antiguidades, cortada pelo figurino fóra de moda.

O «ferro-velho» é hoje um fantasma, que ainda passa, às vezes, nas ruas de Lisboa. Nem sequer tinha um pregão bonito, como as vendedeiras de flores que também acabaram, e levaram nos tabuleiros arrumados a finíssima mercadoria dos craveiros, mangericos e avencas, compondo os últimos autênticos jardins suspensos, que conhecemos.

A velha-loja de «bric-a-brac», semeada pelas ruas de Alfama, por S. Bento e pela Patriarcal está também condenada, envenenada pela caótica confusão que tudo atafulha com etiquetas azuis e sem bom gôsto nenhum, que arreganha os dentes de castiçais de prata e jarrões da China nas montras desordenadas e desinquietas. Entrar, além de desagradável, porque se tem a sensação de entrar numa arrecadação bafienta de adereços teatrais, é um perigo. Qualquer meia-volta que se dê pode quebrar, logo, vinte copos diferentes de diferentes cristais, quatro pratos da Companhia das Indias, nove candeeiros de petróleo que serviram em casa do primo Basílio, e uma floreira que exibiu palmetas na sala do Conselheiro Acácio.

Tudo são velharias arrumadas, ou antes amontoadas, apenas com a certidão de idade, valendo os anos dinheiro, pura e simplesmente porque são anos contados, mesmo que nada representem de qualidade de materiais, de equilíbrio de formas e de côres, de propósito nos ambientes e nas funções a que se destinam.

Uma estatueta de bronze pode ser feia, horrenda, incaracterística. É nova demais para qualquer museu arqueológico. Mas é velha de cem anos e logo ali fica, a envelhecer outros cem, à espera de quem a leve para casa fazer tristes figuras.

*

* *

Conheci um cavalo de circo, antiga estrèla de luzidas exibições, que correra mundo em ambulantes mais ou menos ricos e sabia tudo das misérias e glórias das «écuries», por dentro e por fóra. Chamava-se «Jamir». Vai para mais de quinze anos ninguém deu nada por êle nas vendas de gado da Feira Franca de S. Mateus, em Viseu, onde o dono com lágrimas nos olhos, o quis negociar. Era um cavalo velho, mas cheio de sabedoria. A sua venda teria pago as viagens da companhia, da Beira para Lisboa, onde no morrer de Setembro, às portas da nova temporada, se deviam arranjar contratos para redimir as facturas acumuladas de um empresário de saltimbancos. O único comprador do cavalo era eu, que lhe conhecia as habilidades, mas não tinha dinheiro para tão altas cavalarias. Os pequenos lavradores dos arredores compravam juntas de trabalho. Os ricaços queriam cavalos para puxar os trens, ou para cavalgarem as

Do caótico pitoresco da vetusta Feira da Ladra, ao esmerado bom gôsto dos interiores da galeria «Fausto de Albuquerque».

Dois elucidativos aspectos do interior da galeria de arte moderna «STOP».

as carteiras que não queriam um sábio cavalo velho procuravam para as suas compras duas ou três barracas de antiguidades, ali instaladas como sucursais da Feira da Ladra de Lisboa.

É que o valor real das antiguidades não está na idade, mas nas experiências da idade. As experiências de um cavalo velho gastam-no e levam-no perto da morte. As experiências, as selecções que sofreram os móveis e as gravuras velhas, enriquecem-nos de raridade, de escolha e não os comprometem grandemente na fôrça de resistir aos anos.

Infelizmente, muita gente confunde ainda o valor selecionado da antiguidade, com os anos, pura e simplesmente com os anos que um «caco» velho pode garantir.

Isto quere dizer que confundem o verdadeiro valor da antiguidade com a «Feira da Ladra», o «ferro-velho», o «bric-a-brac».

Pouco a pouco, porém, vai-se passando alguma coisa de novo na venda dos objectos, móveis e quadros que servem a decoração. Um quadro deixou de se apresentar perdido na confusão de oleogravuras sem valor, e de imitações mais ou menos tôscas e primárias. Um quadro vende-se, hoje, numa autêntica galeria de arte, como a «Stop», casa dirigida por um artista, onde tudo está valorizado no bom gôsto da sua exposição, a prever recantos que futuramente ficará a ilustrar.

filhas nas primeiras lições de equitação pelas quintas de Mangualde e de Vouzela.

«Jamir» era um cavalo velho. Olhavam-lhe os dentes, davam com êle uma volta — e nada: «Jamir», uma preciosidade, não servia para nada. É certo que mordia os outros cavalos do circo quando faziam asneira, é certo que relinchava de contentamento quando ouvia ovações e recusava a ração quando não era aplaudido, mas era um cavalo que já não valia nada para trabalhar: primeiro, porque era velho, depois, e principalmente, porque era cavalo de muita inteligência.

A sabedoria dos velhos recusava valor à sabedoria dos velhos cavalos. E na Feira,

Uma gravura antiga já não é o acaso maltratado da Feira da Ladra, nem um pedaço de papel amarrotado entre exemplares arruïnados de revistas velhas com os «hors-texte» arrancados. Na «Calendas», por exemplo, que é obra de mãos femininas de poetisa, as gravuras têm a moldura própria, e o sorriso convidativo, e a atitude segura do que valem, e o gesto hospitaleiro de quem pede que entrem, onde

«Mercador Lda.» é outra das novas galerias de arte onde dá gôsto entrar.

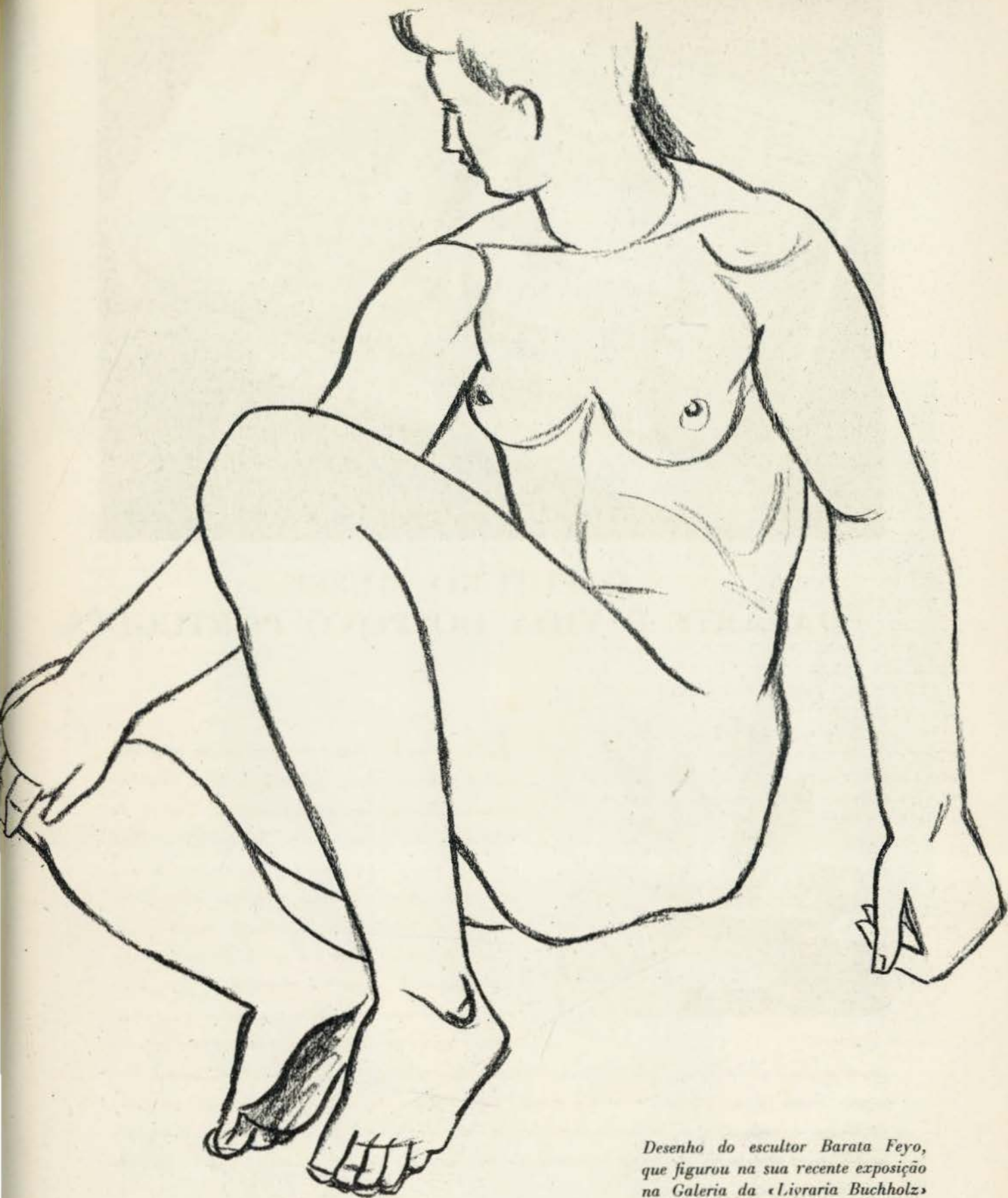
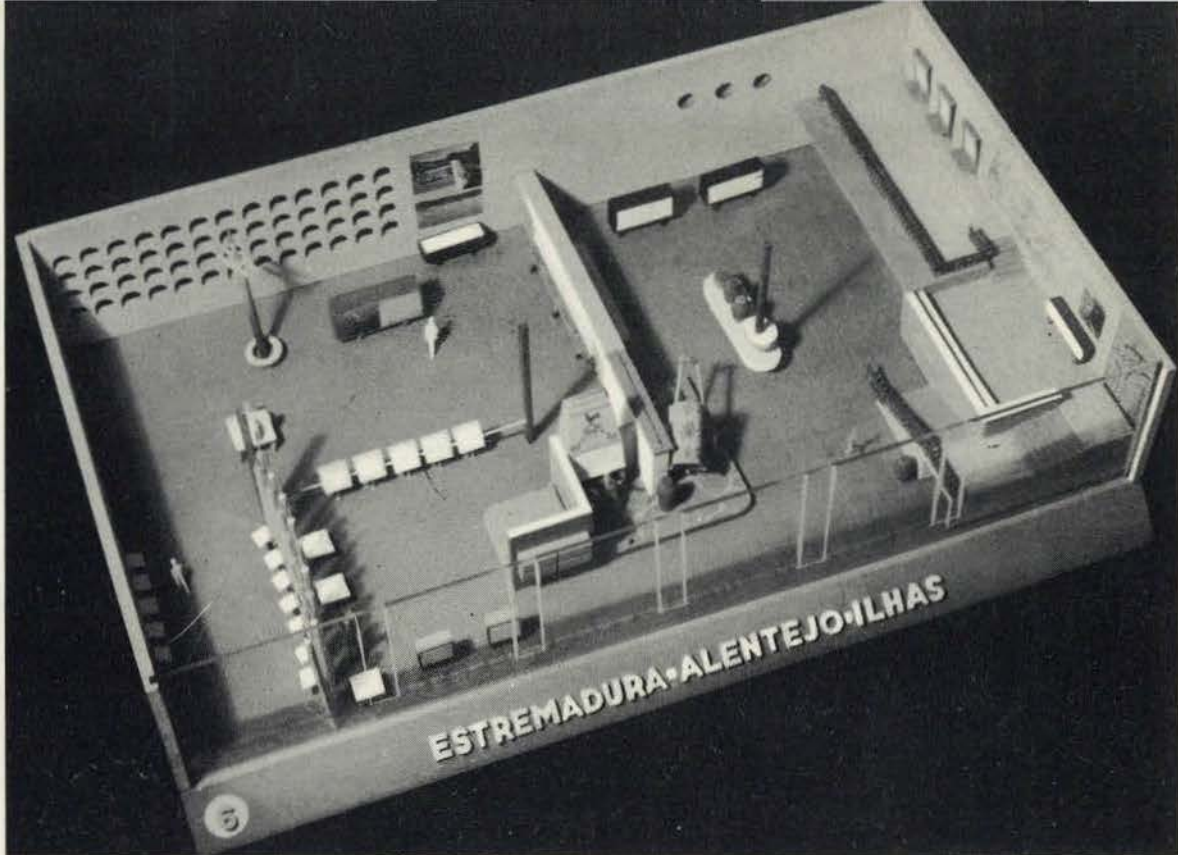
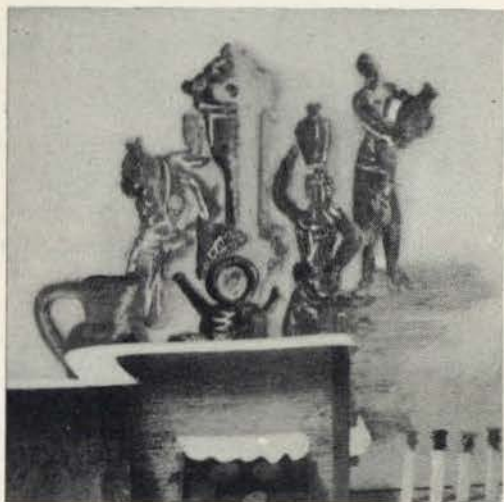
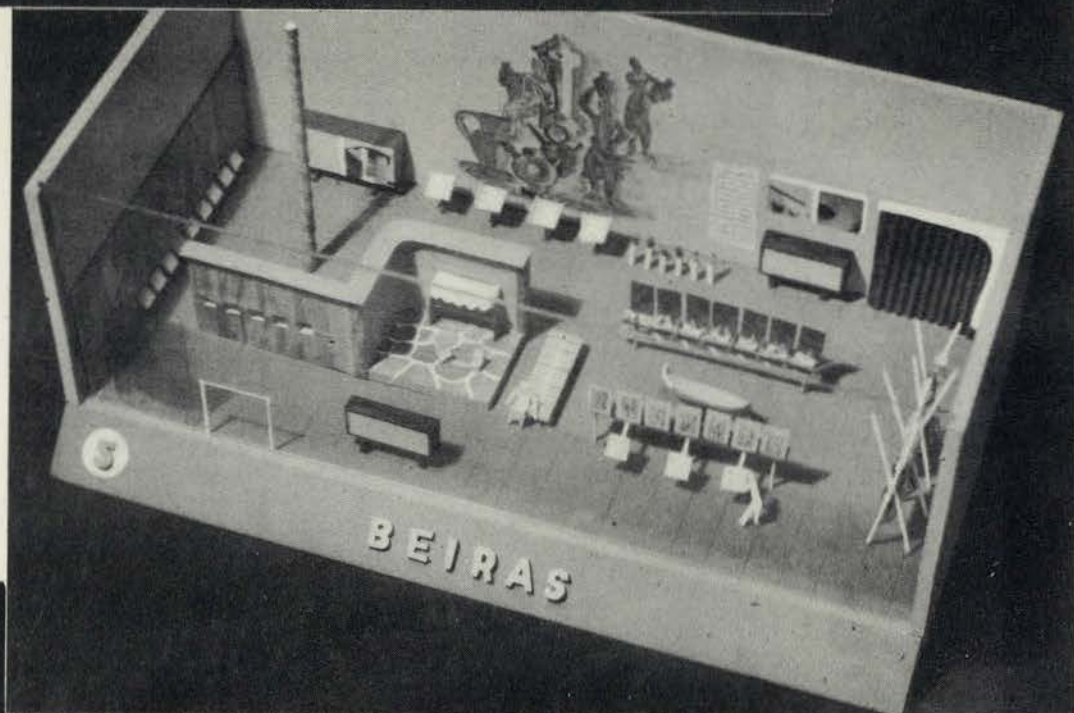
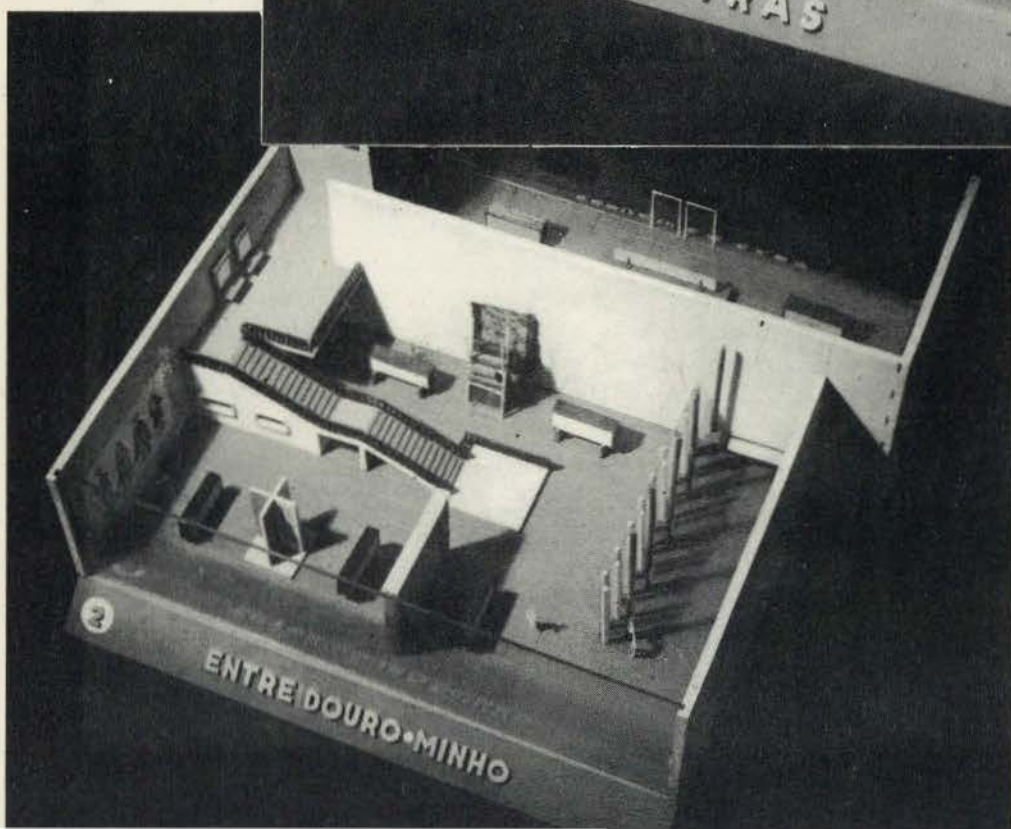
tudo vale pelo que vale, para além dos anos que tem.

Ainda outras casas realizam esta arte difícil de enquadrar um móvel antigo, ou a obra de talha nos elementos certos. «Fausto de Albuquerque», por exemplo, dispõe, hoje, de um conjunto riquíssimo de peças de todos os géneros relacionados com o confôrto e o gôsto de uma casa, sem que nada se atropele, sem que nada se misture desordenadamente, antes formando recantos preciosos, conjugando estilos, congraçando o que na confusão à moda antiga, seria desalinho e atabalhoamento incompreensível.

E o mesmo sucede com o «Mercador», ali bem perto, numa aparente rivalidade comercial, que é apenas, no fundo, uma concorrência de acaso que resulta em comodidade para o comprador e, talvez, em maior vantagem para o negócio. Entra-se numa, entra-se na outra casa... Confrontam-se os estilos, as qualidades, os preços... Se há um cliente que prefere o que uma das casas possui, no género ou espécie que lhe interessa, logo outro é mais fortemente atraído pelo que se encontra exposto na loja vizinha, quási contígua... Seria uma tristeza – senão uma vergonha – não existir ainda na nossa capital uma «Stop», uma «Calendas», um «Mercador», um «Fausto de Albuquerque» – galerias dos tempos modernos, claras, atraentes, seguras de escolha, valendo o que têm dentro de casa.

Por isso o novo espírito que as dirige merece o nosso aplauso — que PANORAMA nos pediu para expressar nestas palavras.

Duas salas de «Calendas» (em cima) e um recanto da galeria «Mercador». — ¿Não é verdade que parecem interiores de magníficas casas habitadas?

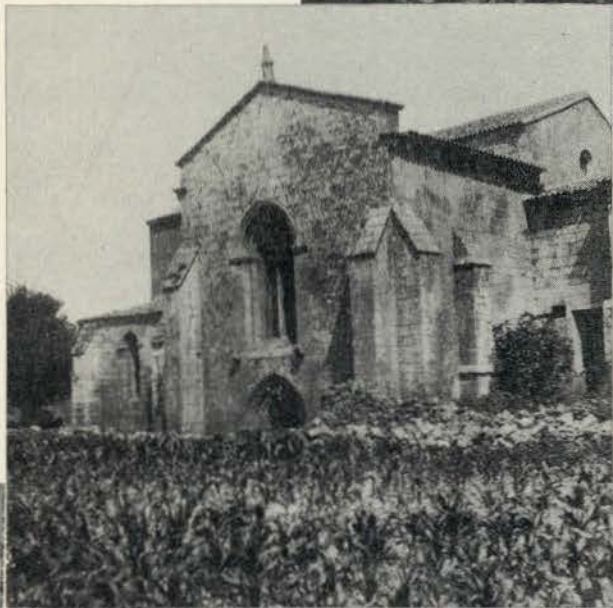
Os móveis e objectos de arte de «Fausto de Albuquerque» são expostos — como se vê nestas gravuras — com o mais apurado sentido decorativo.

Desenho do escultor Barata Feyo, que figurou na sua recente exposição na Galeria da «Livraria Buchholz»

O FUTURO MUSEU DA ARTE E VIDA DO POVO PORTUGUÊS

LISBOA vai ter, dentro de algum tempo, mais uma valiosa fonte de cultura, que será, também, outro importante elemento de atracção turística. Trata-se do Museu da Arte e Vida do Povo Português, que ficará instalado num dos pavilhões da Praça do Império, para êsse efeito convenientemente preparado. Os arranjos artísticos dos interiores foram confiados pelo S. P. N. à competência, ao gôsto e à perícia do grupo de artistas que soube impor-se à admiração de portugueses e estrangeiros com os trabalhos congéneres que realizou para os nossos pavilhões dos grandes certames internacionais de Paris, Nova York, S. Francisco da Califórnia e Centro Regional da Exposição do Mundo Português. Nestas páginas reproduzem-se, em primeira mão, algumas das «maquettes» dos salões principais do Museu — onde, além de numerosos espécimes da arte e da indústria populares de todo o País, figurarão curiosos pormenores, em tamanho natural, de casas, pátios e interiores da nossa variada e pitoresca arquitectura regional.

FOTOS MARIO NOVAES

Algumas «maquettes» dos arranjos de arquitectura e decoração dos interiores do futuro Museu da Arte e Vida do Povo Português.

ENCANTOS NATURAIS E OUTROS ATRACTIVOS DA

SERRA DA ESTRÊLA

POR FILIPE DA CÂMARA OLIVEIRA

A EXCOMUNGADA. A estrada, cortada na lomba da serra, ora mais para cima, ora mais junto do vale, lá segue coleando como gibóia a perder de vista, dando curvas de fazerem do automóvel o veado que tentou D. Fuas e entrando em terreno cada vez mais rude e mais sombrio. Parece que não é feita para nós, mas ser o carreiro do gigante... que bem pode estar ali, detrás daquele cêrro maior, assentado no vale, a cabeça encostada preguiçosamente no cimo, fazendo de tôda uma falda espaldar de sua cadeira. Já era assim nas nossas historietas de meninos, e não espanta que para chegarmos à beira da bela-prometida — essa Castelo-Rodrigo — tenhamos de passar os trilhos encantados. Êste desaconchegado ar de mistério atrai...

Aquêles montes levantados, uns após outros sucedidos, calhau sôbre calhaus até ao alto, escuros da côr da estamenha, dão a sugestão muito viva de que inda há pouco saíram dos revoltos dias do Génesis, que nem erva rasteira teve já tempo de espreitar e que tôda aquela terra está no desconhecimento do destino belo que Deus lhe traçou: dar o pão, a boa sombra para os corpos, a linfa que apaga os queimores das bôcas sequiosas, e as flores e os prados verdes que deleitam e sossegam os olhos e as almas. Nem fonte, nem ave, nem flor — só terra negra, só pedra parda. Bem podia o chão deitar ainda, aqui ou além, penacho de fumo por não estarem descansados e arrefecidos os interiores do globo, que não se admirava o homem que tal visse. E o próprio Coa que atravessa a meio da longada, deslisando brandamente no vale entre tímidas árvores, no dia agre em que se jornadeia lembra, visto de cima, a fantástica ribeira da Má-Sorte. O povo ingénuo e sábio deve sentir tudo isto e àquela estrada por que vamos passando lhe pôs o nome que explica tudo — a «Excomungada».

Castelo Rodrigo. — Igreja de Santa Maria de Aguiar. — Amendoeiras em flor. — Vista do Covão do Boi. — Penhas da Saúde e Cântaros, na Serra da Estrêla

FOTOS DE A. LOPES E HERMINIOS

Quando chegam as mágicas manhãs da Primavera, quando é ameno o ar e os montes se revestem do mais lindo veludo verde, as gotas de orvalho luzem, como campainhas para acordar a passarada, então o sítio será bom para noivado de pastores. Agora é o tempo propício para sentir aquêle ar de mistério, para espreitar o segrêdo da Excomungada...

CASTELO-RODRIGO. Castelo-Rodrigo (o nome o diz) é uma daquelas aldeias tôdas aconchegadas à muralha do seu castelo e que, ao verem-se, logo fazem recuar para o tempo famoso da conquista e consolidação do Reino. É lá em cima, no monte, como todos os castelos... Vai-se por um atalho, mais próprio para o rebanho ágil que à tarde ha-de subir do campo circundante, ou para inimigo a quem é sempre de regra prejudicar o passo, do que para viageiro despreocupado. A povoação é assim, há trezentos anos e, mesmo quando nasceu, devia ter já um ar antigo... Levantar as pedras; cortar, de castanho, as tábuas largas da porta e as traves rijas do teto; cozer o barro para a telha, e eis quási todo o trabalho da construção. E como a pedra não levou a alegria da cal, nem a madeira a garridice da tinta, tudo tem aquêles tons ressequidos que só se desdobram para olhos apurados e de que são tão gulosos os impressionistas. Daí, aquêle ar primitivo logo à nascença. (Mas que doirados ricos lhe descobre o sol!)

Não há flores, há pedra.

As casas são tôdas pequenas, de loja e um andar baixo. Há uma rua que atravessa o povo de lado a lado, onde afluem como regatos a procurar o veio natural pela encosta do monte ruelas mais estreitas e sinuosas. Nas soleiras e nas esquinas gente bem educada cujo cumprimento mais chique é ainda hoje — Vossa Senhoria. Nesta rua principal há uma janela airosa, de recorte manuelino, e mais adiante uma das curiosidades da terra: uma grande cisterna. Entra-se por uma porta mourisca; escada de pedra muito gasta, com corrimão de ferro bom para o pulso de guerreiro godo, desce a mais de uma dezena de metros; no fundo, sob os arcos da abóbada, lá está a água, muito escura, que em parte cobre um lindo manto de lentilhas, muito verde.

Andados mais uns passos estamos no pequeno largo do castelo que tem um pelourinho e onde fica a capela da povoação. É uma capela de arcos ogivais muito baixinhos, humilde, erguida por quem reza sempre de joelhos. Uma pia baptismal enorme! Um púlpito que está a dois palmos do chão e tem escada de pedra de vários degraus! Um Calvário triste e santos ingénuos. E o granito todo sarapintado de branco, de azul, de vermelho vivo, de modo que a capelinha à primeira vista lembra as decorações russas. Junto do altar-mor dois bancos do mais puro D. João V.

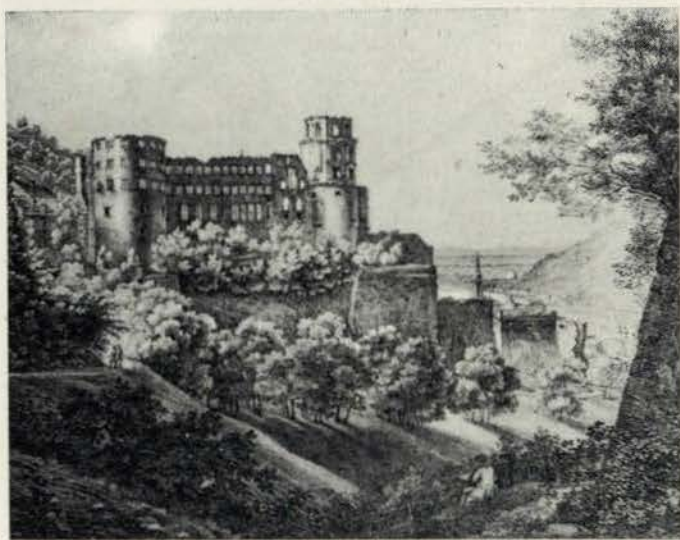
A porta do castelo é ladeada por tôrres altas, semi-circulares. Dentro, tudo tem aspecto de esboroada ruína e mesmo de cenário de tragédia, e até o grande pinheiro manso, belo dominador do terreiro, secou-o não sei se corisco do céu se bafo maligno. Logo se repara que ali não foi só baluarte de defesa mas que residência de nobre se alteou nas muralhas. O primeiro morador foi Cristóvão de Moura, senhor daqueles sítios, e lá viveram também os do seu sangue até ao dia de 1640 em que, chegado um núncio de Lisboa com a boanova da Restauração, tiveram de fugir com os do seu bando, vendo no cimo do monte a labareda viva do palácio a arder provocada e atiçada pelo povo raivoso de os não haver às mãos. Mas o melhor que tem Castelo-Rodrigo é o panorama das terras que a rodeiam. Proeminente num campo de centenas de quilómetros, quem olha de cima das muralhas agradece a Deus. Por todos os lados, retalhada em leiras rectangulares, a veiga fértil, a extensíssima várzea de trigo e centeio. Na primavera dizem que é um deslumbramento, quando a gama variadíssima dos verdes se revela, em contraste com a pureza uniforme de um céu azul.

(Continua na pág. VIII)

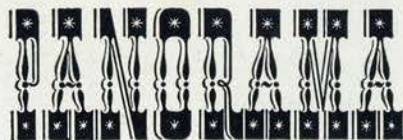
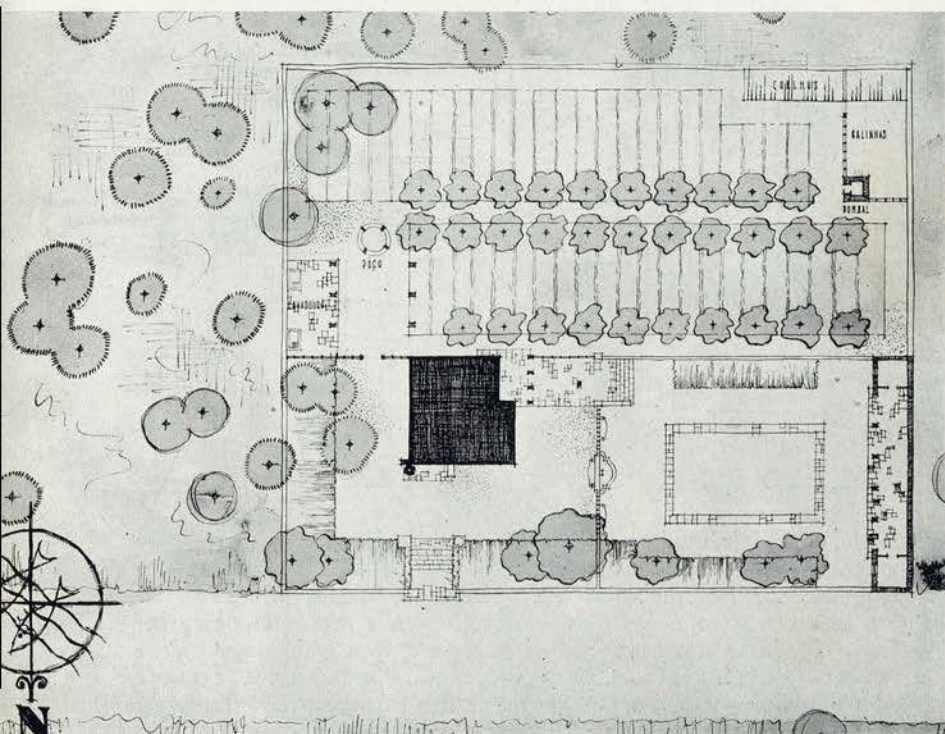
EXPOSIÇÃO ALEMÃ DE GRAVURA DESENHO E AGUARELA

Após as excelentes exposições de artes plásticas francesa e espanhola, efectuadas nos últimos tempos entre nós (e das quais arquivámos, oportunamente, algumas das obras mais significativas), pôde o público de Lisboa e do Pôrto apreciar, no passado mês de Fevereiro uma notável *Exposição de Arte Alemã*, constituída por gravuras, aguarelas e desenhos executados no decorrer dos últimos dois séculos, muitos dos quais são verdadeiras obras primas de beleza, de técnica e de graça inexcedíveis.

Essa vasta galeria de trabalhos (ao todo 285) reünidos, em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, patenteava as tradicionais e admiráveis aptidões do povo germânico para as formas de expressão artística especìficamente «gráficas» — qualidade que o prefaciador do magnífico catálogo do certame, Dr. Rolf Hetsch, pôs em relêvo, terminando por dizer o seguinte: «Durante a sua velha história de quinhentos anos, tornou-se a grafia alemã numa parte importante da cultura do Ocidente. As suas obras actuais têm uma boa tradição; ela liga o passado com o presente, e o futuro vê-la-á ao serviço da arte europeia».

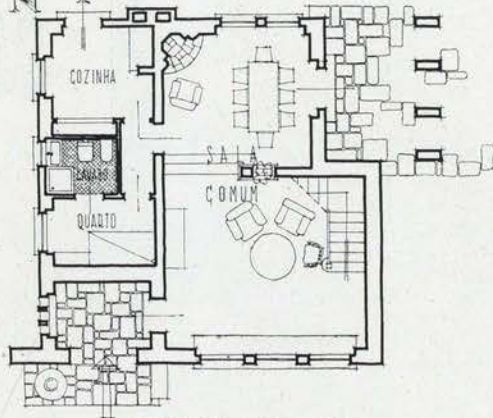
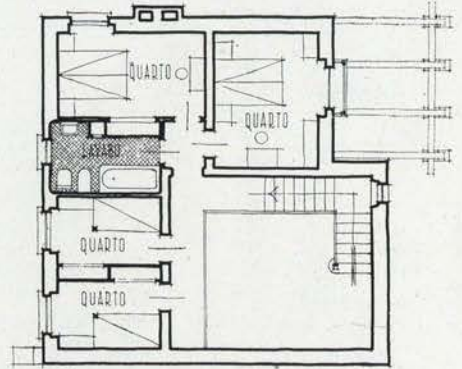
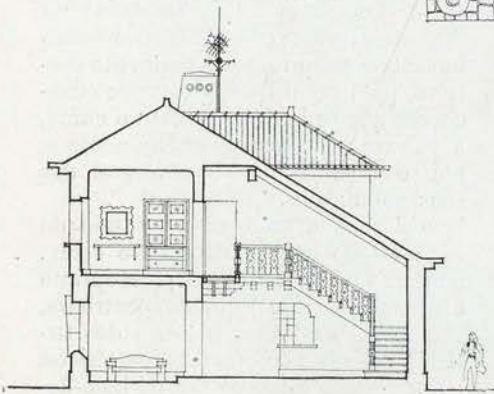
Carl Weissgerber: «Cavalos» (desenho a carvão). — Josef Anton Koch: «Bosque com animais alegóricos» (água-forte). — Ernesttries: «O castelo de Heidelberga».

Konrad Raum: «Paisagem com árvores» (desenho à pena). Alfred Rethel: «A morte entra a cavalo na cidade» (gravura em madeira).

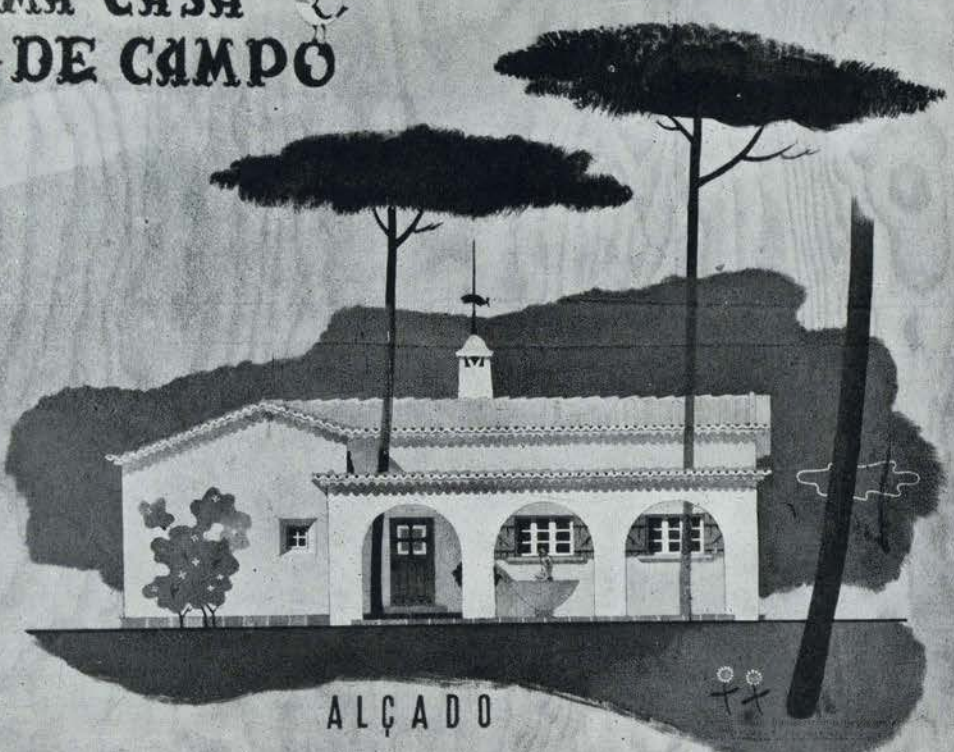
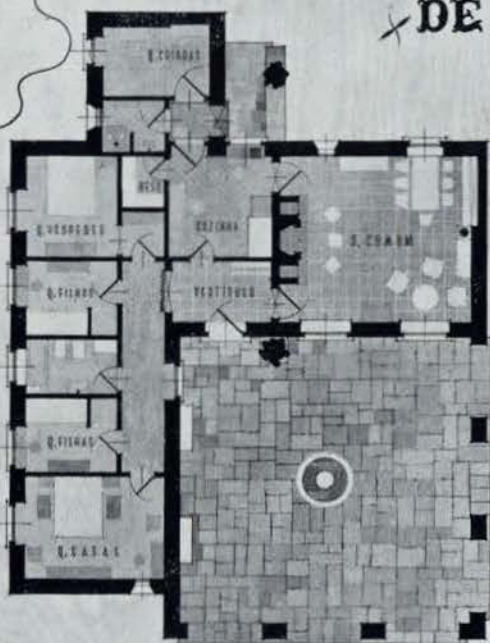
CONCURSO DA CASA PANORAMA

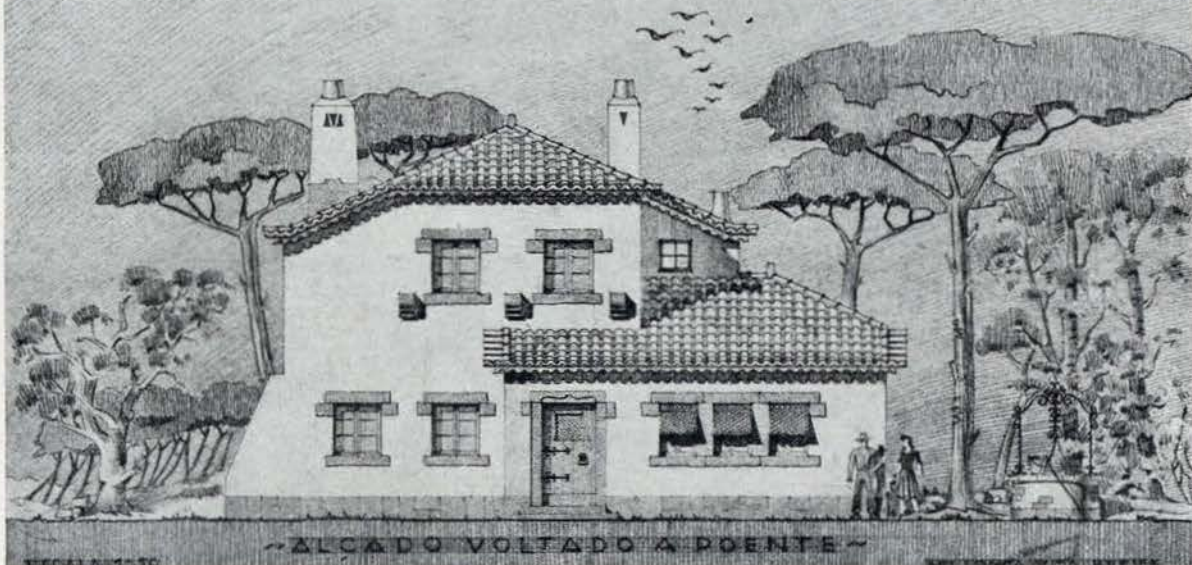
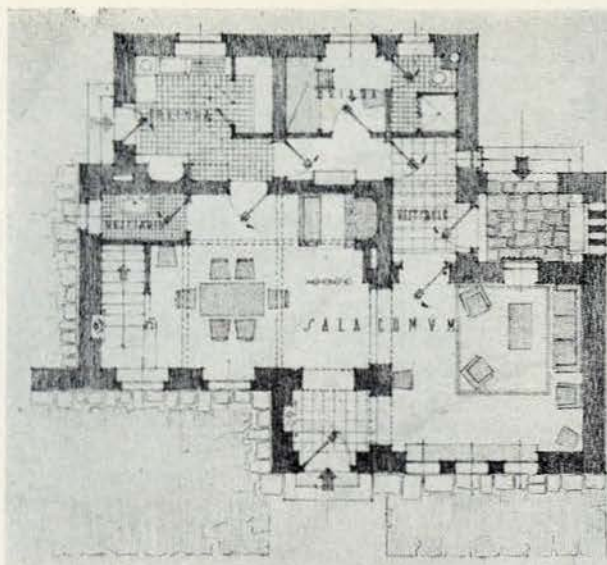
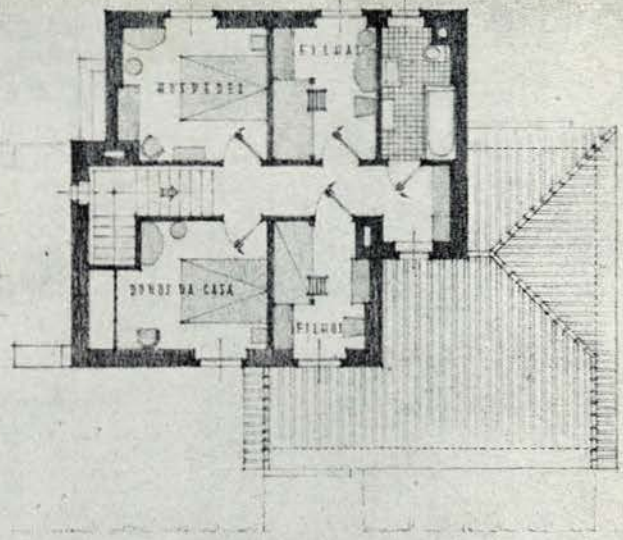
1.º PRÉMIO. *Implantação e alçado de uma casa nos arredores de Lisboa, projectada por Guilherme António Gonçalves Gomes, que concorreu com a divisa «Bim Bom».*

Um dos problemas urbanísticos mais directamente relacionados com a organização do turismo é o das casas de campo e de praia. Há que encontrar, em todos os países interessados no desenvolvimento desta indústria, senão um *estilo* próprio, absolutamente distinto, pelo menos um *género* de edificações que se harmonize com o clima, a paìsagem, os costumes, a índole e, até, o nível económico normal das suas populações.

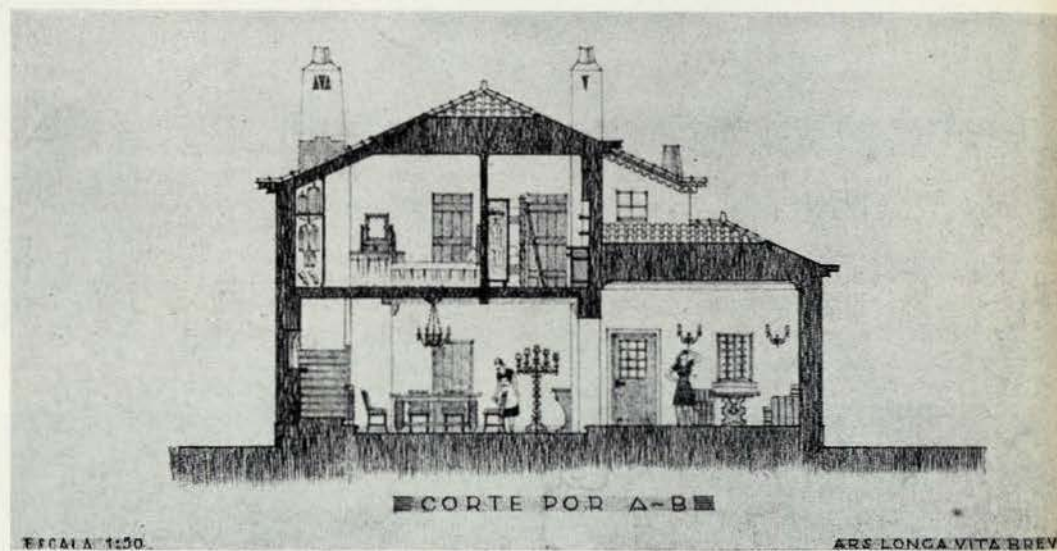
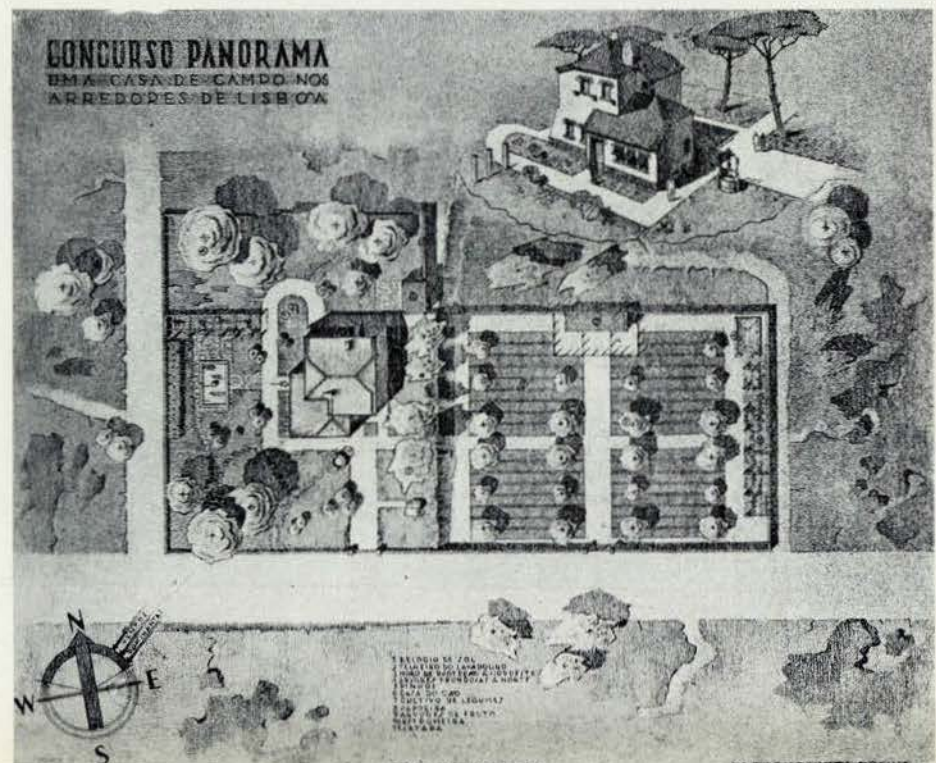
Não é só, portanto, uma questão de bom ou de mau gôsto, quere dizer: não basta evitar (o que já é óptimo e urgente serviço!) que se construam, nos locais de maior trânsito dos turistas, casinhas ou casarões inestéticos, nesse pseudo-estilo de «chalé-bolo-de-noiva» que se usava nos começos do

UMA CASA NOS ARREDORES DE LISBOA

1.º PRÉMIO. *A planta e o corte aqui reproduzidos, mostram-nos uma solução económica e lógica para uma casa de campo com dois pisos.*

PLANTA DO R/C PLANTA DO 1.ºA. Bim Bom

século, ou, mais modernamente, nesse ridículo e antipático híper-geometrismo dos caixotes «standard» — aos quais só falta estampar oblìquamente nas fachadas o letreiro de exportação: — «Frágil». Ora sucede que o nosso país — sobretudo nos arredores das principais cidades e nas povoações situadas em aprazíveis zonas paisagísticas — está infestado dêsses verdadeiros monstros. Por outro lado, a maior parte das pessoas que entre nós constroem casas de veraneio, parecem ignorar os fundamentais princípios de higiene e confôrto a que as habitações devem, racionalmente, obedecer, tanto na arquitectura exterior, como na divisão dos interiores. Daqui resulta que a impressão provocada pela maioria dessas construções, a um observador entendido na matéria ou de gôsto especialmente afinado, é a de estarem *erradas.*

2.º PRÉMIO. *Por êste alçado do concorrente Mateus Júnior se vê como é possível integrar numa paisagem de pinheiros uma agradável e alegre casa de fim de semana.*

2.º PRÉMIO. *Planta, implantação e corte da mesma casa — apresentada com a divisa «Pica-Pau».*

3.º PRÉMIO. *O alçado da casa do concorrente José Manuel F. N. Galhardo Zilhão. Divisa: «Ars longa — Vita brevis».*

Foi por atender a êstes factos, e com o fim de promover a edificação de pequenas casas — práticas e económicas, mas agradáveis e *certas* — destinadas a veraneio ou a fins de semana, que a nossa revista resolveu lançar o *Concurso da CASA PANORAMA*, cujo resultado publicamos nestas páginas, ilustradas com os trabalhos que obtiveram os três prémios, da autoria dos seguintes artistas: — Guilherme António Gonçalves Gomes (ainda aluno de Arquitectura na Escola de Belas-Artes do Pôrto quando concorreu, mas já hoje arquitecto): 1.º prémio — 5 mil Escudos; Mateus Júnior (aluno de Arquitectura na Escola de Belas-Artes de Lisboa): 2.º prémio — 3 mil Escudos; José Manuel F. N. Galhardo Zilhão (arquitecto e tirocinante do mesmo curso, em Lisboa): 3.º prémio — 2 mil Escudos. O júri, reünido sob a presidência de António Ferro, director do Secretariado de Informação e Cultura Popular, foi constituído pelo arquitecto Jorge Segurado e pelo desenhador Bernardo Marques, director artístico da nossa revista.

3.º PRÉMIO. *Planta, corte e implantação da mesma casa — com dois pisos — mostrando um inteligente aproveitamento de espaço e um justo equilíbrio de volumes.*

TURISMO é, antes de nada mais, organização. Onde não estiver presente e arraigado o sentimento desta verdade evidentíssima, é inútil insistir nesse campo — que será, fatalmente, sáfaro. Quere dizer: sem espírito de organização não se faz turismo em parte nenhuma do mundo; brinca-se, quando muito, ao turismo. O exemplo da Suiça, prodígio de organização, mete se pelos olhos dos observadores mais desatentos ou míopes.

Note-se, agora, que êsse espírito só é válido e eficaz quando atinge uma expressão colectiva, melhor: uma expressão nacional. Assim, tão certo como a terra ser redonda, é o facto de só podermos sentir e dizer que um País «é de turismo», quando a respectiva população estiver impregnada dêsse tal espírito e saiba, colectivamente, manifestá-lo.

Êste breve preâmbulo vem a propósito de um acontecimento cujo registo a nossa revista não pode nem deve esquecer: — a inauguração do STADIUM NACIONAL, no passado dia 10 de Junho.

¿ Data memorável para o nosso desporto? — Sem nenhuma dúvida. ¿ Documento vivo da capacidade económica, do impulso constructivo e dos recursos técnicos dos poderes públicos do nosso País? — Não se poderá negar. Mas há outro aspecto não menos importante e significativo que a inauguração do STADIUM relevou, e que nos compete focar: — que o português é, afinal, muito mais susceptível de adquirir essa expressão colectiva de espírito de organização, do que seria de prever. Diz-se de nós — dizemo-lo de nós próprios com maior freqüência, até — que somos um povo desordenado, indisciplinado, caòticamente individualista. Dêste modo, a primeira pregunta que ocorreu a quási tôda a gente, quando se anunciou o acontecimento a que nos referimos, foi esta: — ¿ Como será possível dar, sequer, uma aparência de ordem, de disciplina, de ritmo colectivo a uma multidão composta de mais de 60 mil portugueses?

Pois isso foi possível. Desde os serviços de trânsito, indiscutivelmente modelares, ao mais pequeno pormenor do grandioso programa do espectáculo — em que não foi menos difícil e complexo problema a acomodação do público — tudo decorreu de modo a deixar-nos convencidos de que o povo português está longe de ser tão desordenado, indisciplinado e caòticamente individualista, como se imagina ou se pretende.

E como TURISMO é, antes de mais nada, organização — e como demonstrámos no dia 10 de Junho que somos capazes de organizar-nos colectivamente, então podemos continuar a conceber como possível (e agora melhor fundamentados) que Portugal venha algum dia a ser, na verdadeira e mais lata acepção da fórmula, um PAÍS DE TURISMO.

O QUE A CIDADE DE ELVAS TEM DE MAIS INTERÊSSE

IGREJAS E CONVENTOS	PALACIOS E MONUMENTOS	MUSEUS E BIBLIOTECAS
Sé São Domingos Freiras Dominicanas Ordem Terceira de S. Francisco Senhora da Piedade São Pedro Alcáçovas Colégio Santa Maria dos Bencasados	Paço Episcopal Domus Municipalis Casa do Marquês de Penalva (interior) Casa dos Mesquitas Casa dos Mesquitas Pimentéis Casa dos Melos Casa dos Quentais Lôbos	Museu Etnológico e Arqueológico com a Biblioteca de António José Tomás de Carvalho Biblioteca dos Condes de Tarouca Biblioteca de António Sardinha
		PONTOS DE VISTA
Convento de S. Francisco Convento de S. Paulo Convento das Claristas Convento de S. João de Deus (Hospital Militar).	Aqueduto da Amoreira Castelo e Muralhas Forte de Nossa Senhora da Graça Forte de Santa Luzia Padrão das Linhas de Elvas	Parada do Castelo da Janela da Alcáçova Da Tôrre Mourisca, à rua Martim Mendes Do terraço da Sociedade de Instrução e Recreio

CIDADE DE HISTÓRIA! ELVAS CIDADE DE SOL!

PARQUES E JARDINS

Jardim Militar
Jardim Municipal
Parque da Piedade

INDÚSTRIAS LOCAIS

Salsicharia
Conservas de frutas cristalizadas em açúcar
Conservas de legumes, azeitonas e pimentos

Olaria
Papéis recortados e caixas
Mobílias populares
Caldeireiro
Carros alentejanos e trens
Utensílios domésticos em ferro forjado

DOÇARIA

Sericaia
Requeijão
Biscoitos de Elvas
Enxovalhada
Pão de calo

POUSADA

POUSADA DE SANTA LUZIA

(do S. P. N.)

Diária: (incluindo banho e pequeno almôço)

Quarto com casa de banho:

pessoa só	90$00
casal	150$00

Quarto sem casa de banho:

pessoa só	70$00
casal	120$00

Refeições:

jantar ou almôço	25$00
peq. almôço completo	9$00

Só quarto: (incluindo banho e pequeno almôço)

Quarto com casa de banho:

pessoa só	50$00
casal	80$00

Quarto sem casa de banho:

pessoa só	40$00
casal	70$00

DIVERSOS

Pátio do Bêco das Penas
Pátio de D. Joaquim
Portas de Olivença
Portas da Esquina
Portas de S. Vicente
Arco do Bispo
Arco da Praça
Arco de Santa Maria
Arco da Senhora da Encarnação
Arcadas da Cadeia
Arcadas da Misericórdia
Arcadas do Miradeiro

Fonte de S. Lourenço
Fonte da Misericórdia
Fonte da Fé
Fonte de S. José
Fonte de Santo António
Chafariz de El-Rei

Pormenores Arquitectónicos na cidade:
- Varandas
- Açoteias
- Grelhagens em tijolo
- Janelas gradeadas
- Papagaios em ferro
- Sacadas

CULINÁRIA

Migas com carne de porco
Sopa fervida
Açorda de poejos
Empadas
Carne assada no espêto
Salada arraiana
Arroz tostado no forno

Frutas

FEIRAS E ROMARIAS

Senhor da Piedade (20 de Setemb.)
Procissão de S. Jorge
Romaria de S. Brás
Passos de Vila Boim
Feira de Maio
Feira de Barbacena
Feira de Santa Eulália

MÚSICA TRADICIONAL

Saias ou saiadas
Loas do Natal
São João de Elvas
Senhor da Piedade
Modas de Bailar

TRANSPORTES:
Há carreiras de camionetas diárias de Cacilhas para Elvas, com transbordo em Montemor-o-Novo. Partem de Cacilhas às 8 e às 17 horas, chegando a Elvas respectivamente às 15 h. e às 23 h. e 50 m. De Elvas para Cacilhas, as camionetas partem daquela cidade às 6 e às 14 horas. Para os combóios, consultar o guia oficial.

LOCALIDADES QUE MERECEM A VISITA DE QUEM ESTEJA EM ELVAS

Estremoz:

Tôrre de Menagem do Castelo
Portas da vila
Pelourinho
Misericórdia
Convento de S. Francisco
Palácio da Tocha
Paço Real

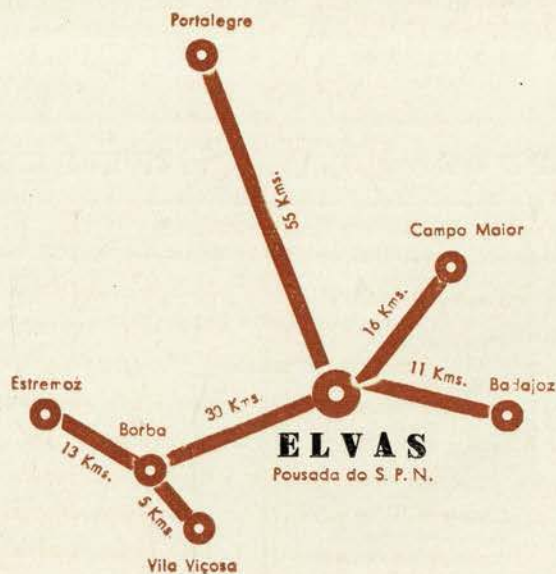
Mármores

Olarias e bonecos de barro

Borba:

Castelo
Igreja de S. Bartolomeu
Convento das Servas
Fonte das Bicas
Quinta do Bosque

Vila Viçosa:

Castelo
Palácio dos Duques de Bragança com sua biblioteca
Várias igrejas e conventos
Panteon dos Duques de Bragança na igreja de S. Domingos
Novo Bairro Económico

Portalegre:

Castelo
Várias igrejas
Sé (ver os paramentos do século XV)
Paço Episcopal
Câmara Municipal (Museu)
Janelas antigas, na cidade
Vários palácios

Enchidos de carne

Campo-Maior:

Castelo
Igrejas: Matriz e de S. João Baptista
Misericórdia e Convento de Santo António
Pelourinho
Casa dos ossos, junto ao Calvário

Badajoz:

Cidade espanhola
Praça forte

PISCINAS

Portugal será mais rico na saúde e no gôsto

EM despretensioso artigo, no número 16 do «PANORAMA» chamámos a atenção de «quem de direito» para o urgente problema de condicionar os locais onde se poderiam autorizar piscinas públicas e, com rigor mais severo ainda, como deveriam ser construídas e utilizadas. Vários jornais se fizeram eco dêste apêlo, o que nos cumpre exarar aqui como agradecimento.

Com grande satisfação, lemos no «Diário do Govêrno» de 24 de Março último um decreto da iniciativa do Ministério das Obras Públicas e Comunicações que constitui adequada solução ao que tão urgentemente se pedia. Não pretendemos, ao citá-lo, buscar elogios para o bom critério desta revista, porque é nossa função, e desejo, nèste como em todos os casos em que o desenvolvimento turístico do País esteja em jôgo servir e não conquistar louros, mas entendemos que ainda assim servimos, com dignidade, o interêsse da Nação, aplaudindo uma medida que se traduzirá em grande benefício público e a maneira rápida como foi estudada e promulgada. A maior homenagem que podemos e queremos prestar a todos quantos colaboraram no estudo do importante diploma legal será a de o deixar arquivado nas páginas desta revista, levando, através da sua grande expansão e da qualidade dos seus leitores, ao conhecimento do escol interessado do País, a doutrina que o informa e constitui, agora, norma a seguir:

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos — Secção de Melhoramentos de Águas e Saneamento

Decreto n.º 33:583

As piscinas destinadas a recreio e à prática de natação constituem atractivo turístico e instrumentos de valorização física do homem, especialmente nas regiões do interior do País, em que se verifica a ausência de rios, lagos e lagoas oferecendo condições naturais adequadas.

São pouco numerosas entre nós as instalações dêste género, mas ùltimamente algumas se têm levado a cabo, mercê da iniciativa e ao sabor locais, sem que, porém, correspondam sempre estas realizações ao que seria de exigir em garantias de ordem sanitária e técnica, comodidade e boa organização.

É sabido que nas piscinas defeituosas e mal cuidadas podem ser adquiridas muitas e graves doenças, e por isso urge que o Govêrno oriente, corrija e fiscalize não só a construção como também a sua utilização.

No que se refere às piscinas já construídas, quer utilizadas quer não, impõe-se o conhecimento exacto do que deve ser feito para que possam ser consideradas em condições de ser utilizadas.

O Govêrno acarinha e dispõe-se a estimular a multiplicação destas instalações, dentro dos princípios atrás definidos, e nestes têrmos:

Usando da faculdade conferida pelo n.° 3 do artigo 109.° da Constituição, o Govêrno decreta e eu promulgo o seguinte:

Artigo 1.° — A construção de piscinas públicas ou destinadas a associados de agremiações de qualquer natureza fica condicionada a prévia aprovação dos respectivos projectos pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, ouvida a Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, que instruirá os seus pareceres com informação da Junta Sanitária de Águas, da Direcção Geral de Saúde, e bem assim da Secção de Melhoramentos Urbanos, da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, quando o projecto carecer de apreciação sob os aspectos estético ou urbanístico.

§ 1.° — Os projectos deverão ser elaborados por técnicos competentes e sempre sob a responsabilidade de um engenheiro civil.

§ 2.° — A execução das obras será fiscalizada pelos organismos que intervierem na apreciação dos respectivos projectos, os quais poderão ordenar a suspensão dos trabalhos e as demolições necessárias sempre que se verifique desrespeito pelos planos aprovados.

Art. 2.° — Não é permitida qualquer alteração ou ampliação das obras executadas sem prévia autorização nos têrmos do artigo anterior.

Art. 3.° — Concluída a execução da obra, será a mesma vistoriada por uma comissão constituída por um delegado de cada um dos organismos referidos no § 2.° do artigo 1.°, a qual, encontrando tudo conforme o projecto aprovado, lavrará o competente auto, a submeter à aprovação do Ministro das Obras Públicas e Comunicações.

Art. 4.° — Cumprida a formalidade do artigo anterior, compete ao Ministro do Interior autorizar o funcionamento da piscina e, por intermédio da Direcção Geral de Saúde, estabelecer o respectivo regulamento e fiscalizar a sua perfeita observância.

Art. 5.° — A Junta Sanitária de Águas e a Secção de Melhoramentos de Águas e Saneamento, da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, procederão, dentro do prazo de seis meses, a contar da data da publicação dêste decreto, a um inquérito às condições de exploração das piscinas actualmente existentes, quer em funcionamento quer simplesmente construídas, cujas conclusões submeterão à aprovação do Ministro das Obras Públicas e Comunicações.

Dos resultados do inquérito será dado conhecimento às pessoas ou entidades responsáveis pelas piscinas, que deverão executar os trabalhos, alterações e obras complementares que lhes forem indicados.

Art. 6.° — Sempre que numa piscina se verifique falta de cumprimento do disposto no presente decreto, poderá o Govêrno, pelo Ministro do Interior, suspender o seu funcionamento até que cessem as causas que motivaram tal suspensão.

Art. 7.° — Os Ministros do Interior e das Obras Públicas e Comunicações resolverão, por despacho, as dúvidas e omissões que resultem da aplicação do presente diploma.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém».

•

Constitui êste decreto alta demonstração de como o Govêrno sabe coordenar as várias funções que cabem a cada um dos organismos detentores do poder para que dela resulte uma medida actuante; e o Ministério das Obras Públicas e Comunicações, uma vez mais deu um flagrante exemplo de actualidade e dinamismo, solucionando um problema instante com o mesmo critério e desembaraço com que tem resolvido tantos outros, incitando e fomentando em moldes largos o ressurgimento do gôsto na população.

É vasta a obra realizada e conhecidos os recursos de carácter técnico ou humano de que dispõe êste alto organismo do Estado. A ética do Estado Novo e as amplas directrizes de Salazar encontraram em Duarte Pacheco — estadista de saüdosa memória que nunca é demais evocar como exemplo — um idealizador que soube realizar e um chefe de «equipe» que sabia escolher bons colaboradores para que, em qualquer momento, os resultados não fôssem prejudicados por qualquer falta. Para a execução dêste decreto, de forma que os resultados não venham a ser minimizados em conseqüência de uma eventual colisão de interêsses, deverão cooperar os organismos e os homens com boa vontade na certeza de que o interêsse nacional tem de estar sempre acima de um estreito critério de bairrismo ou de negócio, porque «as piscinas destinadas a recreio e à prática de natação constituem atractivo turístico e instrumento de valorização física do homem . . .».

Cabe, pois, ao organismo central e às entidades locais de Turismo estudar inicialmente, e desde já, as possibilidades e condições de exeqüibilidade das iniciativas privadas, para que Portugal tenha em breve as piscinas que deseja e merece, apetrechando-se em ritmo crescente e criterioso para a grande realidade turística internacional de amanhã. Abre-se para os arquitectos portugueses uma nova «galeria» onde ficarão arquivados, certamente, alguns trabalhos de arte que hão-de enriquecer a paisagem portuguesa com valor semelhante ao de muitas obras que notabilizam as salas dos museus. E Portugal será ainda mais rico — na saúde e no gôsto.

T. A.

ROTEIRO DO VINHO PORTUGUÊS

DÉCIMA JORNADA

PERCORREMOS dois terços do País pela «estrada do vinho» — pelo menos nestas jornadas fàcilmente traçadas no papel... Êle, que é espírito, que é símbolo de cultura e de civilização, milenário na Península, mostrou-nos a parte mais rica, mais tradicional, do nosso velho rincão, onde as gerações de oito séculos operosos deixaram marcas indeléveis da sua passagem criadora. Sem mêdo de contradita, pode afirmar-se que a «estrada do vinho» se desenvolve na parte mais característica, de mais rico folclore e de mais opulência monumental do País. Isto vimos, aprazìvelmente conduzidos pelo vinho, amável guia, reconfortante companheiro, fiel amigo — alto benefício legado pelos nossos Maiores, quer para a nossa fazenda quer para o nosso espírito e saúde.

Como fecho, no entanto, há lugar, ainda, para se falar dos vinhos portugueses num ponto onde mais perfeitamente são apreciados: a Capital do Império.

Sim, Lisboa foi de todos os tempos a grande consumidora dos vinhos portugueses e nela se encontram, sem esfôrço, exemplares de todos os tipos regionais. É o caleidoscópio enológico da vinicultura nacional.

Aliás, assim foi sempre, até aos nossos dias em que, mercê da acção progressiva do comércio, mais fácil se torna o contacto com tôda a gama de «tipos» existentes.

O amor de Lisboa pelos vinhos portugueses — a leveza destas nótulas não nos permite entrar em citações estatísticas, forçosamente pesadas — demonstra-se de longa data, já nas posturas municipais de todos os tempos, já na literatura, cuja antologia muito bem pode abrir com o delicioso Auto de Gil Vicente, «Pranto de Maria Parda», para fechar com os espirituosos versos de João Penha.

Foi em Lisboa — onde se embarcavam os vinhos nas naus que iam para a Índia e mais partes do Mundo — que, no século XVII, no ano de 1689, se levantou rija luta contra o uso da cerveja, essa «água choca», como se lhe chama numa reclamação da edilidade olissiponense apresentada ao rei D. Pedro II.

E foi sempre Lisboa que mais tenazmente pugnou pela defesa da pureza natural e qualidade dos vinhos. Veja-se o rigor com que no século de seiscentos se reprimiam as fraudes proïbindo-se a venda do vinho gessado, «... muito danoso para

a saúde da gente» — escrevia El-rei D. João III, de Almeirim — medida que pode ser considerada como precursora do atento cuidado com que hoje se luta contra a fraude e a falsificação.

A cidade do Tejo, está construída sôbre vinhas. Saindo das muralhas que a defendiam, ganhou terreno nas encostas reclinadas ao sul, onde verdeciam parras de videiras. E, ainda hoje, na sua periferia, às suas portas, se topa com a vinha como cultura, e a cêpa, em latadas como ornamento. É à sombra da parreira, nas chamadas «hortas» — êsses recantos bucólicos onde o alfacinha procura encontrar-se com a natureza — que a população citadina sacrifica a S. Martinho... em qualquer dia do ano e mesmo sem castanhas.

Na toponímia da cidade encontram-se ainda restos evocativos da existência dos vinhedos do têrmo ou actividades afins, sendo as mais típicas a «Rua da Vinha», ali, ao Bairro Alto, a «Rua da Videira», a S. Sebastião da Pedreira, a «Rua dos Vinagres» e a «Calçada dos Vinagreiros», ao Beato.

Mas a presença do vinho sente-se evidentemente mais nas inúmeras tabernas que, embora sem o clássico ramo de pinheiro à porta, sugestivamente nos chamam a atenção, com letreiros mais ou menos toscos, citando tipos afamados: o «cartaxeiro», «vinhos da Moita», «Verde», «Vinho de Tôrres», «vinhos da Bairrada», etc. Normalmente as tabernas adoptam, como especialidade da casa, o vinho da terra de que é oriundo o patrão, num sentimento bairrista muito louvável.

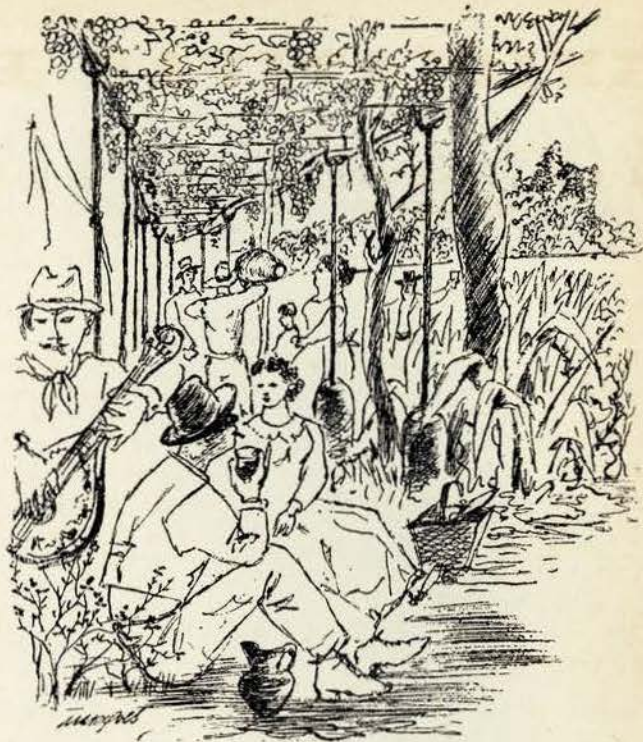
Isto, quanto aos vinhos regionais, digamos anónimos, que vêm para aqui em cascos — antes do combóio vinham a dorso de mulas, formando longas récuas, em odres bojudos — e são vendidos a granel ou a copo, pois que, nos chamados «de marca», todos os tipos se encontram, mais ou menos, exibindo nome e honrarias na luzida vestimenta da garrafa. Êstes, encontram-se nas listas dos restaurantes como nas mercearias, sendo fácil alcançá-los.

Todavia, esta respeitável companhia não nos interessa além do que nos proporciona gastronòmicamente porque, embora o vinho, bebido em Lisboa, não perca o poder evocador da terra que o deu — se o apreciador a conhece já, claro — perde muito, no entanto, do encanto turístico que proporciona quando é saboreado na própria região.

Por isso, o roteiro do vinho em Lisboa deverá fazer-se nas «capelinhas», nos «tasquinhos», nas «hortas», nos «retiros» que, louvado Deus, ainda existem como sucessores de outros que foram célebres, nomeadamente na vida lisboeta do século passado.

Turismo vinícola em Lisboa pode fazer-se, mas, só nesses recantos curiosos de folclore alfacinha e vida típica, que galhardamente vão resistindo a modernismos e inovações; exemplares únicos que oferecem cunho particular e onde não há dúvida que se encontra gente portuguesa, entre os «três em dois» do tinto, espevitados pelas sardinhas assadas e pimentos, ou as boas «iscas com elas», tudo comido e bebido no intervalo de duas quadras gemidas à guitarra...

«O Colares foi-se casar
Com a genebra d'Holanda,
O Tôrres, que a namorava,
Ficou de queixos à banda.»

Não, não é literatice: como no tempo da celebrada Severa, a fadista do Vimioso que batia o fado na «casa de pedra», ao cimo da rua do Capelão, em que a «Rosária dos óculos» abrira taberna, hoje, no «Mesquita», ali, ao Bairro Alto, também se pode ouvir uma cantadeira de nomeada, a Amália. É o mesmo ambiente castiço, emocionante, derretedor de tristezas porque nos mergulha fundo no vago impreciso da alma fadista, de que todos nós temos um pouco.

Lá está presente o bom do «tinto», forte, nervoso, frutado, arrogante de juventude na sua espuma rubra que faz «crista» — sangue de Cristo, como lhe chamam as Santas Escrituras e o povo repete devotamente.

«Rapazes, quando eu morrer
Vão-me enterrar no Quintão,
Deitado sob um tonel
Sendo a fronha um cangirão.»

Foram célebres, no tempo dos nossos avós, alguns dêstes «tasquinhos» e «retiros»; e os nomes de muitos, ecoando nas recordações, vieram até nós: «O João do Grão», célebre pela sua «desfeita»; a «horta das Atafonas»; «A Rabicha», tão freqüentada pelo Eça e seus pares; a «Padeira da Praça da Alegria»; o «Retiro dos Pacatos»; «Ferro de Engomar»; «A Perna de Pau»; o «Colete Encarnado», que ficou especialmente ligado às esperas de toiros que haviam de ser lidados na praça do Campo de St.ª Ana.

Desapareceram êsses; outros surgiram, portadores do mesmo sentimento de tradição, freqüentados por gente com o mesmo espírito fadista, onde se continua fazendo o mesmo: comer iscas ou sardinhas, beber «tinto» e ouvir a guitarra. O que é imenso porque fornece elementos poderosos de turismo, não só dentro da cidade — «As Velhas», «As Novas Velhas», «O Tacão», «O Barrete Verde» ou «Casa da Guarda», o «Friagem», «O Manuel dos Passarinhos», «A Adega Boémia», «O Polícia» — como nos seus arredores saloios — o «Caliça», a «Tia Joaquina», o «Quebra-Bilhas», etc. É assim que o Portugal vinícola tem a sua representação em Lisboa e que, por isso mesmo, deixámos para o fim da leve resenha que subordinamos ao título despretensioso, embora ousado, de «Roteiro do Vinho».

ANTÓNIO BATALHA REIS

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

A Nova Pousada de S. Brás-de-Alportel

O País passou a contar, desde há pouco, com mais uma excelente Pousada de Turismo: a de S. Brás-de-Alportel. Fica situada a dezoito quilómetros de Faro, junto da estrada nacional Faro-Lisboa, a duzentos e oitenta da capital e a dois, apenas, de S. Brás.

O projecto é da autoria do arquitecto Jaccobety Rosa, e as decorações foram confiadas a Vera Leroi, coadjuvada por Anne Marie Jauss.

Obedecendo à linha geral do plano estabelecido pelo S. P. N. para esta obra de indiscutível alcance turístico a que o Ministério das Obras Públicas e Comunicações deu o seu auxílio, esta nova Pousada foi concebida, construída e ornamentada de harmonia com o carácter da região a que se destinava.

Basearam-se, portanto, os seus autores nos materiais e nos motivos dominantes da arte popular e do gôsto próprios do sul do País, de modo a realçar a sugestão da fresca e risonha paìsagem algarvia.

O «Diário de Notícias», quando da inauguração oficial do edifício, consagrou ao acontecimento um elucidativo artigo, do qual extraímos os seguintes passos finais:

«Da traça das paredes mestras da nova pousada aos mais insignificantes motivos de decoração, das louças aos tecidos e aos móveis, tudo ali é português, numa afirmação de gôsto nacional — fonte inesgotável do turismo — e das possibilidades dos nossos artistas.

«A paìsagem surpreendente das amendoeiras e o sortilégio da «planície heróica» são, assim, ainda mais enriquecidos com a nova pousada.

«Será mais uma casa portuguesa onde nacionais e estrangeiros podem haurir os encantos da paìsagem e do gôsto da culinária regional num perfeito ambiente da nossa hospitalidade.

«Assim se vai cumprindo — apesar das dificuldades do momento — a promessa feita por António Ferro de valorizar a nossa paìsagem; assim se dá um grande estímulo à iniciativa particular; e — sobretudo — se prepara Portugal para a futura e promissora *indústria nacional do turismo*».

Estudos Etnográficos

Saíu recentemente o segundo tômo de «Estudos Etnográficos», coordenados por D. José de Castro, obra que está a ser editada pelo Instituto para a Alta Cultura. Já aqui sublinhámos, quando nos referimos ao aparecimento do primeiro fascículo, que se trata de uma edição verdadeiramente magnífica e utilíssima, no ponto de vista cultural, porquanto constituìrá um vasto repositório de documentos valiosos, senão indispensáveis para o conhecimento objectivo do nosso património etnográfico.

Além do interêsse como obra de arte, que o tem (quer pelas ilustrações a côres e fotografias de boa qualidade, como pelo apuramento da apresentação gráfica) êste segundo tômo, consagrado aos pescadores da Beira-Litoral, ou seja, de Aveiro, continua a revelar, da parte do seu Autor, um justo rigor científico na composição dos desenhos e mapas que documentam o texto, valorizado com anotações concretas que descem, quando necessário, aos mais pequenos — ainda que aparentemente insignificantes — pormenores.

Feira Franca, em Coimbra

O «Diário de Coimbra» está empenhado na realização de uma Feira Franca. Louvamos o empreendimento, transcrevendo, de um dos artigos publicados sôbre o assunto, os períodos seguintes:

«Afirmamos que Coimbra tem necessidade de sair da apatia e manifestar-se por meio de realizações demonstrativas da sua vitalidade.

«Quando nos lançamos nesta campanha para Feira Franca — e nela persistiremos enquanto encontrarmos o aplauso manifesto, que até aqui nos tem sido demonstrado — apelamos para tôdas as fôrças vivas da cidade.

«Mas torna-se necessário irmos mais longe: é preciso que possamos afirmar a nós mesmos que tudo fizemos, dentro das nossas possibilidades, para que a Feira Franca em Coimbra fôsse um facto».

Concurso das «Estações Floridas»

Tal como nos anos anteriores, os Serviços de Turismo do S. P. N. organizaram em 1944 o Concurso das «Estações Floridas» para tôdas as linhas de Caminhos de Ferro do País.

O estado em que já se encontra a grande maioria dos jardins das estações, prova uma compreensão absoluta do fim que se procurou atingir, notando-se uma sensível melhoria de gôsto e de técnica de jardinagem em muitas das decorações realizadas. Não só melhoraram os jardins pròpriamente ditos, mas até os edifícios das estações vão aparecendo enfeitados com vasos e trepadeiras, como se pretendia.

É justo salientarmos que as direcções das Companhias não têm deixado de cooperar valiosamente nesta iniciativa, facilitando ao pessoal das «gàres» os meios de cuidarem das flores e das plantas.

Concurso das «Monografias Regionais»

Depois de terem sido postas a concurso, desde 1941, as zonas do País — Norte, Centro e Sul — estendeu-se êste ano o Concurso de Monografias Regionais, também organizado pelos Serviços de Turismo do S. P. N., a uma quarta zona, que compreende as Ilhas Adjacentes (Açores e Madeira).

As condições, já publicadas na imprensa diária, podem ser requisitadas. aos referidos Serviços — na Rua da Rosa, 277, 2.º, Lisboa.

Dado o êxito obtido nos outros anos por êste empreendimento cultural de alcance turístico (porquanto, sem dúvida, um dos mais sérios e eficientes meios de propaganda é o que pode ser feito pelas monografias publicadas), é de prever que ao Concurso dêste ano seja também apresentado grande número de apreciáveis originais.

A Festa das Rosas

Decorreram com o brilho habitual os tradicionais festejos de Maio em Vila-Franca-do-Minho — concelho de Viana-do-Castelo — intitulados: Festa das Rosas. A razão por que desde tempos recuados se dá êste nome à Festa, é porque, entre outras diversões, o principal número do seu programa consiste no cortejo chamado das Rosas. No dia 6, as mais formosas raparigas de Vila-Franca, com os seus coloridos trajos minhotos, desfilam em cortejo pelas ruas, levando à cabeça lindos cêstos de rosas e de outras flores. Os cêstos, pequenos e grandes, são revestidos também de flores, com as quais se desenham a primor, nuns o escudo das Quinas, noutros, o cálix e a hóstia do Sacrifício da Missa, etc.

E por onde passa o cortejo, não há chão que se não junque de rosas esfolhadas, de tôdas as côres. No ambiente,

como é natural, revoadas de perfume vário. E é tudo isto uma festa do povo, festa cristã do nosso povo, em cuja alma boa e simples há delicadeza, graça, sensibilidade.

«Conheça a sua terra»

A Emissora Nacional de Radiodifusão continua a transmitir, tôdas as sextas-feiras à noite, o programa dialogado «Conheça a sua terra», dos Serviços de Turismo do S. P. N. No prosseguimento da missão que inicialmente anunciou, o referido programa vai abordando todos os assuntos e problemas relacionados com o turismo nacional, e promovendo passeios e visitas culturais — cuja organização está a cargo da Agência de Turismo — com regularidade notável e eficácia indiscutível.

A êsses passeios, que têm sido, desde início, registados neste Boletim, acrescentamos agora os seguintes, efectuados a partir de Dezembro do ano passado: — À *Igreja de Madre de Deus*, com o Dr. João Couto; à sede da *Cruz Vermelha Portuguesa* (na Rocha de Conde de Óbidos), com o Sr. Afonso Dornelas; à sede da fábrica de Massas *Napolitana;* à *Escola Profissional da Pesca*, em Pedrouços; à *Igreja do Convento da Encarnação*, com o Sr. Norberto de Araújo; ao *Parque Infantil da Ajuda* e à *Colmeia;* ao *Palácio Presidencial de Belém;* aos *Estúdios da Emissora Nacional;* de novo ao *Palácio Presidencial;* à *Fotogravura Nacional* e à *Litografia Portugal;* ao convento onde está instalado o *Hospital de S. José*, com o Eng. José Maria Rodrigues; à *Sociedade Nacional de Fósforos;* à *Oficina de Beneficiação de Pintura Antiga*, com o Sr. Fernando Mardel; ao *Instituto António Aurélio da Costa Ferreira*, com o Dr. Vítor Fontes; ao *Aeroporto;* ao *Instituto Superior de Agronomia* e *Tapada da Ajuda*, com o Prof. Caldeira Cabral; à cerimónia da bênção e largada dos *Barcos Bacalhoeiros;* à *Igreja de Santa Engrácia*, com o Arq.º António Couto; às novas instalações do *Museu Nacional dos Coches*, com o Sr. Luiz Keil; ao *Seminário dos Olivais*, com o Mons. Pereira dos Reis; ao *Palácio de Queluz*, com o Sr. Ventura Porfírio.

«Panorama» regista

★ O êxito da *Exposição da Arte Popular Portuguesa*, em Sevilha — à qual a Imprensa de Espanha dedicou as mais elogiosas referências.

★ A melhoria de gôsto verificada êste ano em grande parte das barracas da *Feira Popular* de Palhavã, especialmente nas que foram confiadas aos técnicos modernos da decoração.

★ A interessante exposição de óleos e desenhos de Mart Huguenin, no estúdio do S. P. N.

★ A inauguração das novas instalações do *Museu Nacional dos Coches* e os excelentes melhoramentos que ali se fizeram, tanto nas peças do precioso recheio, como no arranjo dos salões.

★ O lapso de composição que fêz com que, no passado número de PANORAMA, o título do notável artigo inicial da autoria do Arquitecto Cottinelli Telmo, saísse incompleto: «O Dia de um Grande Homem de Acção» era, de facto, a epígrafe que resumia o sentido do texto. Pedimos ao nosso colaborador desculpa do lapso.

★ A notícia de que vai ser inaugurado em Faro — graças à arrojada e meritória iniciativa de um comerciante da cidade — um *hotel*, já construído.

★ A extraordinária animação com que decorreram as festas da *Queima das Fitas*, em Coimbra, e o espírito desempoeirado que presidiu à elaboração dos vários números do programa.

★ A inauguração do ramal da estrada entre Canedo e Pedorido, que veio completar o belo percurso turístico da margem esquerda do Douro — desde o concelho de Gaia até Entre-os-Rios e Castelo-de-Paiva.

★ A idéia, lançada pelo «Diário de Coimbra», de um grande «Concurso das Romarias de Portugal».

CONCURSO DA «CASA PANORAMA»

Avisam-se os senhores concorrentes que não foram premiados neste concurso de arquitectura, de que podem retirar, quando desejarem, os projectos entregues na nossa redacção, em qualquer dos dias úteis, entre as 15 e as 19 horas.

AS REEDIÇÕES DA NOSSA REVISTA

Encontram-se já à venda as reedições dos números 1 e 2 de PANORAMA, que estavam desde há muito esgotados – devendo sair brevemente os números 3 e 4, cujos textos já entraram na composição.

PREÇO DE CADA EXEMPLAR 10$00

VIAGENS NA MINHA INFÂNCIA

(Continuação)

Uma das minhas irmãs ia casar. A máquina de costura rodava, rodava na sala ao lado. A casa iria ficar mais só, as noites mais silenciosas, mas eu não tinha pena. Estar mais horas calada devia ser bom. Repetir tardes iguais àquela que passara em Al Coelha, vendo a locomóvel trabalhar, inundar os canteiros de arroz de uma água fresca, com tempo para viajar pelos esconderijos de um dia de sol que existia no meu sonho, era uma idéia que me fazia estremecer de gôzo. Poder ser desajeitada nas atitudes sem que me vissem e repreendessem. Poder falar, falar sentada num muro, com as mãos chapinhando na água corrente. Falar com idéias minhas, idéias crescidas, como aquelas que ninguém aceitaria aos meus doze anos. Falar para o silêncio, sem interlocutores desconfiados, capazes de não me acreditarem. Quebrar, como dessa vez, a prisão miserável do meu corpo e trocá-la pelo esquecimento do meu aspecto... Ou, então, sentar-me no jardim do Calvário, muito quieta e muda, como no verão anterior que já me fazia saüdades.

Como estaria o corpo da Angelina, da Avó e do meu Pai? Eu tinha mêdo da morte. Um mêdo que me fazia estremecer e lembrar panos de veludo prêto com estrêlas doiradas. Um mêdo lírico, como o que experimentava entre as árvores da Quinta Grande, a imaginar fantasmas, receosa das noites escuras, esguia e pálida — eu própria medrosa da minha presença silenciosa, provando o cheiro da terra e do musgo da fonte...

Mas quando a luz da noite vinha assim, sem perfumes e sem ruídos, só com a chuva a acompanhar, eu perdia as esperanças que nascem da Primavera e ficava encostada à vidraça, com os joelhos frios, as mãos frias — e uma sensação desconsolada de lonjura e de eterno.

NATÉRCIA FREIRE

A SERRA DE MONSANTO

(Continuação)

Lisboa não tem, no interior da cidade, um maciço de arborização que possa considerar-se um parque florestal, nem tem condições de o vir a possuir. O próprio Parque Eduardo VII, delineado, aliás, em sucessivas tentativas, e cuja conclusão aguarda ainda a organização de um plano definitivo, não tem condições de adaptação a um parque florestal, já pela sua pequena extensão, já pela sua posição em relação à cidade. É uma capital pobre de parques e jardins, e tem, contudo, condições naturais excelentes para o estabelecimento de parques desta espécie, pois que o escalvado agreste e monótono de algumas colinas que a rodeiam só espera que o homem lance à terra a semente criadora da vegetação que as embeleze, amenizando o clima da cidade. De resto, êstes terrenos, quási sem construções e em grande parte incultos, prestam-se à maravilha à criação de grandes parques florestais, com a enorme vantagem de não haver que destruir ou de afectar profundas transformações. Nesta ordem de idéias, a Serra de Monsanto atraíu, de há muito, as atenções de quantos pelo problema se interessam.

É uma longa história de idéias generosas e iniciativas em esbôço que, se não chegaram a ser efectivadas, tiveram, contudo, o mérito de focar as dificuldades do empreendimento. Esta obra tem de ser, naturalmente, levada a cabo pela Câmara Municipal de Lisboa, mas, tratando-se da capital do País, e conhecendo o Govêrno aquelas dificuldades, entende dever

tomar um conjunto de medidas que muito poderão contribuir para a realização de uma das mais justas aspirações da população da capital».

O corpo do Decreto dizia, essencialmente:

Art. 1.º — A Câmara Municipal de Lisboa promoverá a criação, na Serra de Monsanto, de um Parque Florestal da Cidade com a área aproximada de 500 hectares.

§ 1.º — O perímetro do Parque será fixado sob proposta de uma Comissão constituída pelo Presidente do Município de Lisboa, um representante do Ministério das Obras Públicas e Comunicações e outro do Ministério da Agricultura, e ficará sujeito ao regime florestal».

Como se verificasse que as disposições do decreto n.º 24.625 não satisfariam inteiramente para que tão grande e proveitoso empreendimento pudesse ser levado a cabo, foi publicado o decreto lei n.º 27.101, de 16 de Outubro de 1936.

Quis a providência que o autor do Decreto de 1 de Novembro de 1934, o malogrado Eng. Duarte Pacheco, alma grande e devotado servidor do bem público, assumisse a Presidência da Câmara Municipal em 1 de Janeiro de 1938. A sua vontade firme, a sua inteligente compreensão da necessidade de dotar a capital com novos elementos de salubridade, levaram-no a iniciar a construção imediata de bairros económicos e a começar a executar o que delineara em 1934 com o Decreto n.º 24.625, o Grande Parque de Lisboa.

Tendo a sua gerência começado em 1 de Janeiro, no dia 31 de Março pôde ser lido no sítio do Miradouro de Montes Claros, o seguinte auto:

«Aos trinta e um dias do mês de Março, do ano de mil novecentos e trinta e oito, da era de Cristo, no sítio de Montes Claros, da Serra de Monsanto, presentes: Sua Excelência o Presidente da República, General Óscar de Fragoso Carmona; Presidente da Assembléia Nacional, Doutor José Alberto dos Reis; Presidente da Câmara Corporativa, General Eduardo Augusto Marques; Ministro do Interior, Doutor Mário Pais de Sousa; Ministro da Justiça e interino das Obras Públicas, Doutor Manuel Rodrigues Júnior; Ministro da Educação Nacional, Doutor António Faria Carneiro Pacheco; Ministro da Agricultura; Governador Civil do Distrito, Tenente-Coronel Artur Lôbo da Costa; Presidente da Câmara Municipal, engenheiro Duarte Pacheco, altos funcionários do Estado e Vereadores, além de muito povo, pelas desasseis horas foram solenemente plantadas por Sua Excelência o Presidente da República, Presidente da Assembléia Nacional e da Câmara Corporativa, Ministros, Presidente da Câmara Municipal, altos funcionários do Estado e Vereadores, exemplares de «cupressus macrocarpa» e «camaecipari lausoniana», primeiras árvores do Parque Florestal de Monsanto. — Por verdade se lavrou o presente auto que vai ser assinado por todos».

Como nêle se afirma, Sua Excelência o Presidente da República e o Govêrno inauguraram simbòlicamente os trabalhos, plantando as primeiras árvores. Em execução de um grande e bem pensado plano de obras — não costumava o Eng. Duarte Pacheco marchar ao acaso — foram logo em 1938 plantadas cêrca de 130.000 árvores e semeados alguns hectares de penisco.

Hoje deve o Parque Florestal de Monsanto, (cujo nome oficial é *Parque Florestal da Cidade*, e se espraia por cinco freguesias: Ajuda, Alcântara, Belém, Benfica e S. Sebastião da Pedreira), ter já cêrca de 400.000 árvores plantadas e mais de 150 hectares semeados de diversas espécies florestais.

Encurtado o acesso pela Auto-Estrada — neste momento em vésperas de ser inaugurada — os lisboetas vão ter ocasião de gozar as delícias de boas sombras e aproveitar o ar sadio da floresta.

E não lhes faltarão ali elementos para se distrair: — cam-

pos de jogos, piscinas, lagos, *courts* de *tennis* e miradouros de onde poderão admirar os panoramas sôberbos do lado do rio: Alcochete, Barreiro, Palmela e Almada e, para as bandas do mar: a Barra, Costa do Sol, Serra de Sintra, etc., Montes Claros, Moinho do Mocho, Luneta dos Quartéis, casas de chá, pistas para cavalos, etc., estão já construídos. A natureza — com o crescimento das árvores — completará o que falta e formará barreira aos ventos dominantes de N.N.O. e N.N.E. E porque a temperatura, segundo observações dos postos metereológicos da Ajuda e da Faculdade de Ciências (16,3 média anual, 20,6 média dos máximos, 11,8 média dos mínimos), lhe dá direito ao título de *clima temperado e pouco variável*, Monsanto é a certeza de um ambiente admirável, incontestàvelmente dos melhores do País e da Europa.

Fica distante, diz-se. Faltam os transportes — afirma-se. Êles virão a seu tempo!

Tenho para mim, como certeza, que concluídas as obras projectadas e plantadas ou semeadas tôdas as árvores, o Monsanto agreste e escalvado voltará a ser, para o homem de hoje, o *monte santo* encantador que levou os antigos a tê-lo como sagrado.

Desta vez as cabanas redondas dos tempos primitivos estarão substituídas por edifícios destinados a uma função social ou pública e construídos segundo as exigências da nossa época, e, em vez de feras, poderão admirar-se, na pacatez da floresta, para alegria e distracção dos visitantes, aves e animais de viver pacífico e bom.

Monsanto, a caminho de plena conquista dos seus velhos tempos de esplendor, vai, com certeza, operar o milagre de ser um dos maiores fautores da saúde do corpo e da alma dos lisboetas.

JAIME LOPES DIAS

POUSADA DE S. BRAZ DE ALPORTEL

★ ★ ★

A Pousada de S. Braz, situada a 240 m. de altitude, é um óptimo ponto de partida para excursões aos mais pitorescos trechos do Algarve. Fica junto à Estrada Nacional, a 280 km. de Lisboa, a 16 km. de Faro e a 65 km. de Vila Real de Santo António. Escreva a reservar um quarto para ali passar um delicioso fim de semana, ou mesmo alguns dias de férias. Telefone: S. Braz de Alportel, 5.

ELVAS

(Continuação)

Elvas tem o condão mágico de nos prender nas malhas fortes dos seus encantos naturais — *verdadeiro sanatório para as almas isoladas e insatisfeitas* — nas nervuras dos arcos dos seus templos, na majestade do seu castelo, onde há ainda vestígios da construção romano-árabe, alçapremando-se, com vigor imortal, a tôrre de menagem do tempo de D. João II, de onde se abarca um dos mais belos panoramas da imensa planície alentejana. Daí, a classificação justíssima dada a Elvas pelo etnógrafo Capela e Silva, quando lhe chamou «rainha da campina».

Sem nos determos no Forte da Graça (a maior e a mais característica obra do género, feita em Portugal), vale a pena repousar a vista, fatigada da luz forte do Sol que sangra no azul dos céus, na doce penumbra da Sé, de fábrica manuelina, mas que nos oferece, na policromia dos mármores da capela-mor (obra de artistas que trabalharam em Mafra), na riqueza dos seus azulejos da sala do Cabido (onde há uma tela atribuída a Pedro Alexandrino) motivos para deslumbramento.

Digna de louvor foi a tarefa realizada no antigo convento de São Domingos, que data do reinado de Afonso III, descobrindo-se assim, laboriosa e amorosamente, verdadeiras jóias arquitectónicas do chamado *gótico simples*, escondidos pela frontaria de estilo barroco, a que não falta grandeza.

Muitos outros monumentos religiosos de valor estético encontra em Elvas o visitante interessado, mas citá-los a todos, mesmo em rápida anotação, far-nos-ia exceder os limites dêstes apontamentos; por isso, deixemos a cidade, não sem parar no Aqueduto das Amoreiras, que mereceu a Ramalho Ortigão — o precursor da emprêsa inteligentíssima de «descobrir Portugal aos portugueses» — encomiásticas referências, nessa admirável obra recentemente reeditada, e que todos os homens cultos da nossa terra deviam saber quási de cor: «O Culto da Arte em Portugal».

Mas antes de deixar a cidade, há que visitar a Biblioteca Municipal, que é, decerto, uma das primeiras entre as primeiras da província, e à qual está ligado o nome do falecido polígrafo José Tôrres de Carvalho, benemérito animador da *política do espírito* que dotou Elvas com um riquíssimo centro de estudo, onde se topa, ao lado de obras preciosas, o Museu Regional, de real valia.

*

* *

São de 20 a 25 de Setembro as festas de S. Mateus, e devemos lá ir, em romaria, ao Senhor da Piedade, que chama (não só do Alentejo mas até de Espanha) milhares e milhares de forasteiros; são das mais expressivas, atraentes e vibrantes festas de tôda a província, impondo que os estudiosos dos nossos usos e costumes regionais as observem de perto, pois encontrarão nas suas origens — duas vezes seculares — como nos seus aspectos folclóricos, motivos para estudos de grande interêsse.

O local onde a romaria se realiza, a pouco mais de um quilómetro de Elvas, é de beleza inexcedível. A mata que serve de fundo ao templo é, na verdade, luxuriante, gozando-se aí, em contraste com o calor então insuportável da campina, uma frescura que reconforta e convida a pensamentos sadios.

Na larga avenida, à ilharga da Capela, cujo museu dos *ex-votos* merece, como documentário, uma circunstanciada visita (sendo também digno de atenção demorada) o templo do

século XVIII, onde se encontra uma das melhores telas de Cirilo Wolkmar Machado: «S. Pedro»), acotovelam-se, nas jornadas da romaria de S. Mateus, pessoas das mais variadas procedências. Cantos populares, expressivos e graciosos, sobem na luminosidade vibrante da tarde:

As festas de S. Mateus
São as festas da cidade;
Quem me dera andar bailando
No Senhor da Piedade!

As festas de S. Mateus
Nas vésperas das sementeiras,
São um milagre de Deus
P'rás moças casamenteiras.

Quem dera ser sentinela
Das muralhas da cidade,
Só para estar sempre à vista
Do Senhor da Piedade!

E os bailes sucedem-se; os cantares parecem não ter fim; acendem-se as luzes da feira, dentro da igreja, repleta sempre de fiéis; multiplicam-se as velas votivas; a noite vai plàcidamente baixando, quando o sol se afoga no poente, entre os farrapos alaranjados das nuvens, aureolando ainda, numa eterna coroa de glória, a fidalga Elvas — cidadela de heroísmo, padrão vigoroso das virtudes de um povo que quere sempre ser livre para servir a Deus e prosseguir na sua missão civilizadora èpicamente espalhada pelos quatro cantos da Terra.

MARINHO DA SILVA

ENCANTOS NATURAIS E OUTROS ATRACTIVOS DA

SERRA DA ESTRÊLA

(Continuação)

Agora, no outono, são aquêles matizes muito delicados de lilás, de cinza prateada, de pálido amarelo, de verde, e de castanho muito escuro nas courelas por onde o arado passou, aqui e além com as manchas dos castanheiros ruivos a que a sombra dá um vermelho macerado e triste e o sol um sumptuoso amarelo-cobre.

Para os lados de Espanha, vizinha de muito perto, naturalmente procuramos ver, junto de algum valado ou debaixo de copa de árvore, o formigar do inimigo que logo, pela calada da noite, há-de tentar o assalto. Ali, só, alta sentinela de olhos abertos e cabeça levantada, Castelo-Rodrigo, terra de portugueses em frente da Espanha, faz voltar aquêles tempos em que todos os dias se esperava o aparecimento do arnez reluzente do atacante e se fazia a revista do poço e da tulha por causa do cêrco possível. Era assim há trezentos ou quatrocentos anos... Por uns minutos é hoje do mesmo modo. Quem não acreditar vá lá ver.

UM PASSEIO EM TERRAS DE FIGUEIRA

Abençoado o trigo e quem no semeou, e a terra e a chuva e o sol, seus padrinhos naturais, e a mão da ceifeira, e a mó do moinho, e a rêde da peneira, e o amassar e o tender, o fermento para levedar, e o lume doirado e brando onde o pão vai a cozer. Assim, quási ao modo de antiga reza, ou com outra fala semelhante, há-de todo o homem que não fôr muito ingrato louvar em Figueira-de-Castelo-Rodrigo o pão que na Vila enche o bornal do pastor e enfeita a mesa do fidalgo — um pão de dois quilos, alvo, bem tostado, de côdea enfarinhada e de paladar tão virginal e sadio que parece até que nos põe o corpo mais são e a alma mais pura. Bendito seja Deus!

E agora vamos ao passeio. Hoje não é para visitar os monumentos notáveis do concelho — o mosteiro de Santa Maria de Aguiar, ali tão perto, a igreja de Escarigo, a de Escalhão que serviu de forte na luta desesperada contra os espanhóis e tem um altar neo-clássico de talha rica, nem mesmo a igreja de Figueira que também tem altar de boa talha. Hoje vamos a Sapinha e ao Saltinho, na região das amendoeiras.

Quem sai de Figueira para o norte mete por estrada em terreno chato e sem interêsse, com moitas e pedras a êsmo, bom para caçador de láparos e perdizes. Depois, hão-de parar num alto e dizer-lhe que está na Sapinha. É um vale amplíssimo e profundo, de vertentes volumosas e suaves, como se todo um esqueleto temeroso de pedras, que inda afloram na riba espanhola, estivesse cheio e recoberto de boa terra macia. Ao fundo, os montes, de verde-negro e anil, como lombos adjuntos de monstros encurralados. O solo castelhano está mesmo ao pé de nós — é aquela parte da direita, a mais áspera. As oliveiras e as amendoeiras, em filas muito direitas, enchem as encostas de pontos negros e o panorama, assim, parece um desenho quinhentista, como os que fêz o Duarte de Armas para o Livro das Fortalezas do Reino. Quem fôr mais atento repara que por tôda a parte há amendoeiras, delicadas e escondidas, à espera que o sol lhes traga as vestes do noivado. Então não haverá princesa menina que se lhes compare e o dia será sempre uma alvorada!

Em Barca-de-Alva (lindo nome) atravessa-se o Douro. Olha-se com desconfiança a jangada — tábuas largas em cima de duas barcaças que julgamos já meio naufragadas e com um leme tôsco e tamanho que deve ter servido à Arca de Noé. Mas a travessia faz-se com comodidade surpreendente e a viagem continua já no concelho de Freixo-de-Espada-à-Cinta, pelas serras fora, entre vergéis de amendoeiras e a decoração oriental dos laranjais. E estamos no Saltinho. Numa garganta apertada entre escarpas de grande altura, lá vem o rio Douro. O sítio é aparentemente árido e a fundura do vale obriga a um silêncio de meditação. Os pintores primitivos às vezes punham os santos eremitas em montes como aquêle, também com um rio claro a correr lá em baixo. Sôbre as nossas cabeças um enorme penhasco esmaltado de verde-azebre e amarelo-velho, ninho de águias reais.

Agora, ao entardecer, de olhos semi-cerrados volte a Figueira, pense que está a chegar a manhã que há-de trazer as flores às amendoeiras, suponha que vai a ouvir Ravel, e lembre-se de que tem, quando chegar, na mesa da mais hospitaleira gente de Portugal, o pão pelo qual louvou a Nosso Senhor.

Covilhã, 1943.

FILIPE DA CÂMARA OLIVEIRA

RUA DA ROSA, 309-315 · TELEF. 2 6930 · LISBOA

REPRODUÇÕES EM FOTOLITOGRAFIA E LITOGRAFIA PODEM SER CONSIDERADAS COMO VERDADEIRAS OBRAS DE ARTE, DESDE QUE SEJAM FEITAS PELOS PROCESSOS TÉCNICOS QUE SE EVIDENCIAM NOS TRABALHOS DA

AS DELICIOSAS CONSERVAS DE PEIXE PORTUGUESAS DESPERTAM O APETITE E ALIMENTAM

I.P.C.P